CAIXINHA DE BRINQUEDOS

ADOLFO SIMÕES MÜLLER

DESENHOS
de
RUDY

CAIXINHA
DE
BRINQUEDOS

ADOLFO SIMÕES MÜLLER

CAIXINHA DE BRINQUEDOS

DESENHOS
de
RUDY

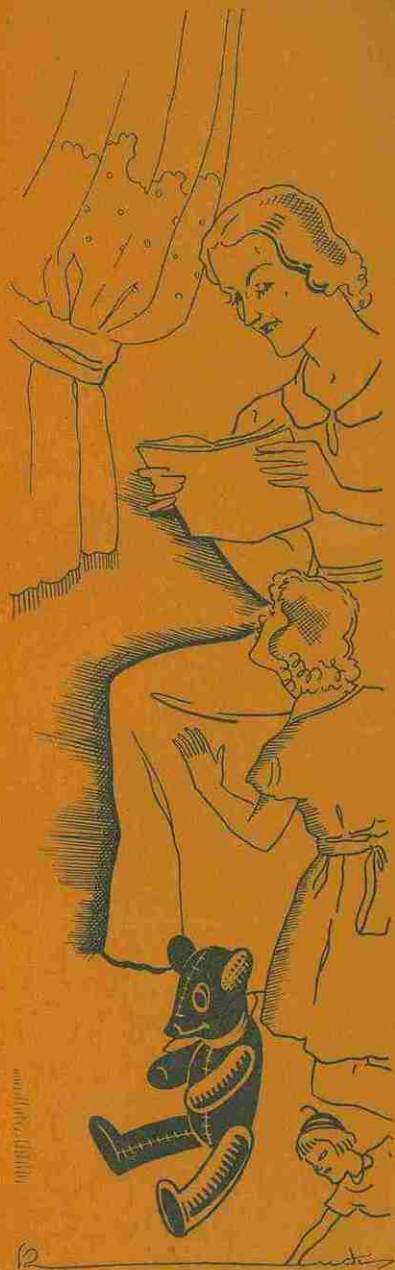
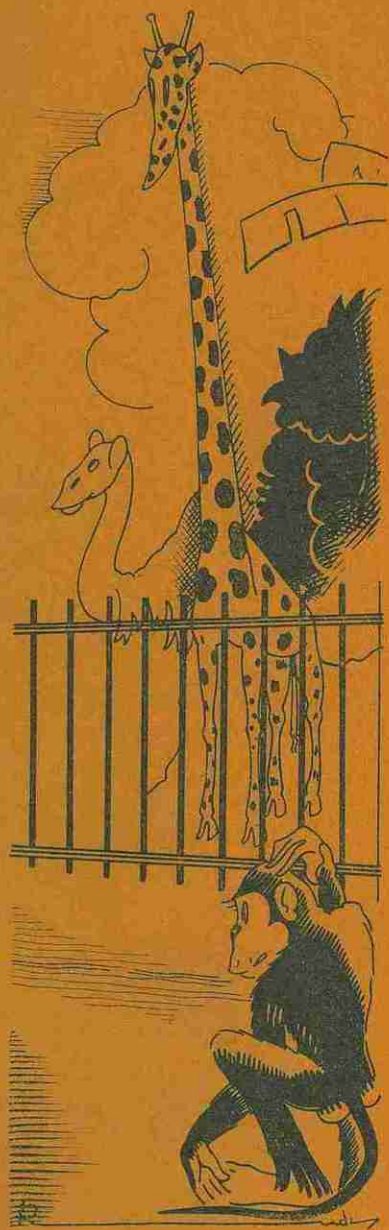
EDIÇÃO
DO SEMANÁRIO
INFANTIL
«O PAPAGAIO»

QUARTO ESCURO

Meninos: o quarto escuro
onde se esconde o papão,
podem crer, aqui lhes juro,
não é nenhuma invenção.

Por isso tenham cuidado,
muito cuidado portanto
— que o papão está acordado,
anda à espreita, em cada canto!

Não acreditam? Pois bem:
quando fizerem maldades,
olhem os olhos da mãi:
— desce a luz, como às Trindades...

E, sempre que em rosto puro
de mãi o olhar entristece,
não há só um quarto escuro:
tôda a casa se escurece!

O MILAGRE DA NOITE DO NATAL

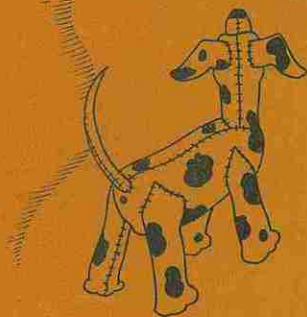
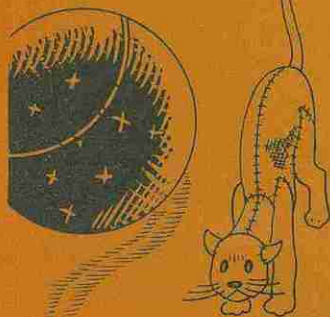
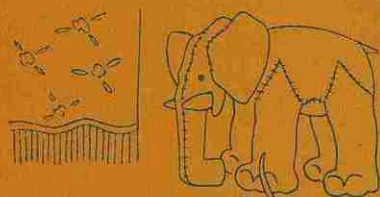
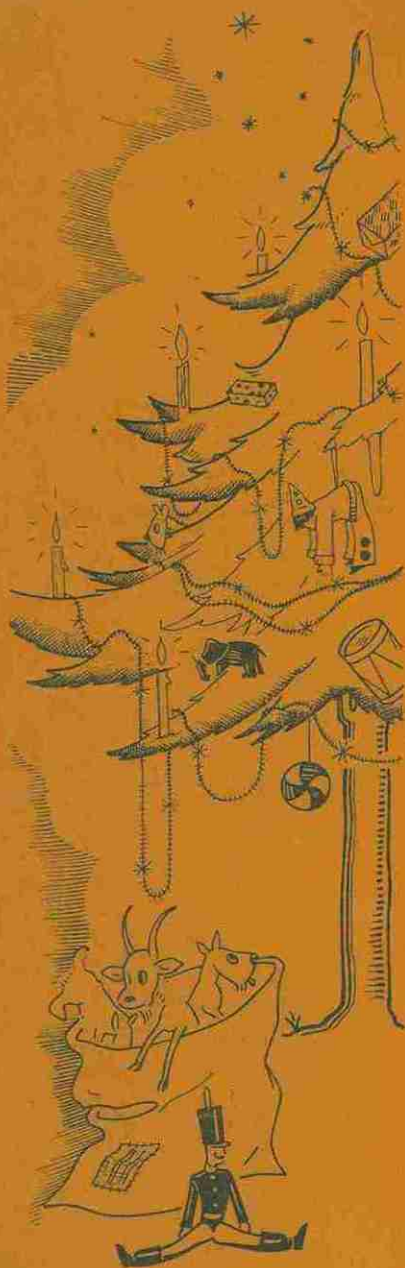
A Virgem Mãi, depois de reparar
que ninguém se encontrava já na ermida,
desceu devagarinho do altar,
— como temendo ser surpreendida —

e foi logo espreitar, pé ante pé,
à janela que deita para a rua:
no Céu, brilhava clara a luz da lua.
Em seu altar sorria S. José...

Nem viv'alma. E então Nossa Senhora,
segura já de que ninguém a via,
pôs em acção a idea redentora
que tivera naquele santo dia.

Foi buscar um cestinho de costura
que ocultara no vão duma janela.
O cesto era pertença da capela:
— não se rompesse a veste ao padre-cura...

Cortou em largas tiras o seu manto,
enfiou uma linha numa agulha
e, depois, foi sentar-se para um canto,
mas sem fazer a mais ligeira bulha.

Quem a visse a coser assim tão bem,
ora enfiando ora puxando a linha,
di-la-ia a melhor costureirinha,
mas nunca, certamente, a Virgem Mãi!

O S. José sorria sempre muito,
olhando-a com sincera devoção:
é que êle bem sabia o meigo intuito
que obrigava a Senhora a tal serão.

Os outros Santos, todos num cochicho,
não perdiam de vista o altar-mór.
O Santo António, para ver melhor,
até ia caíndo do seu nicho...

Houve uma Santa — a gentileza manda
sôbre o seu nome conservar sigilo —
que até ficou de resplendor à banda,
tais voltas deu para espreitar aquilo.

A Senhora entretanto costurava,
presa dum sonho que se não descreve,
alheia ao tempo que fugia breve
e ao pasmo que em redor se condensava.

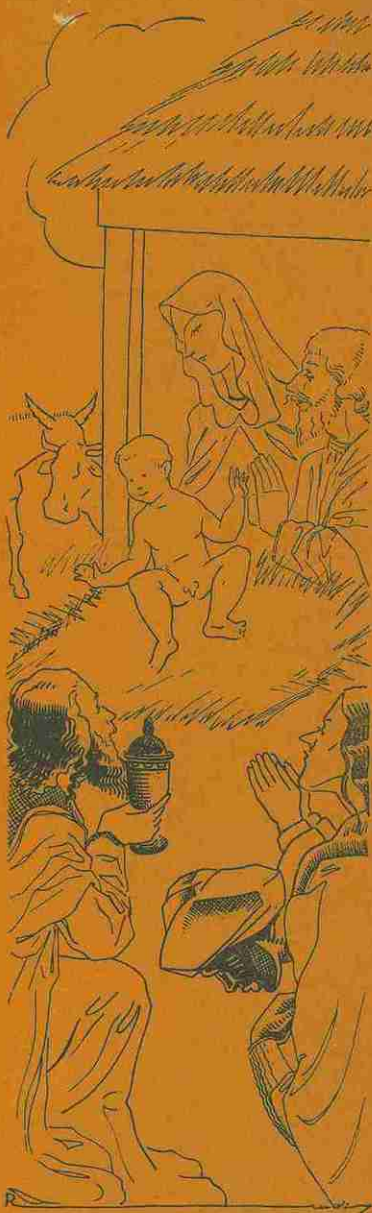
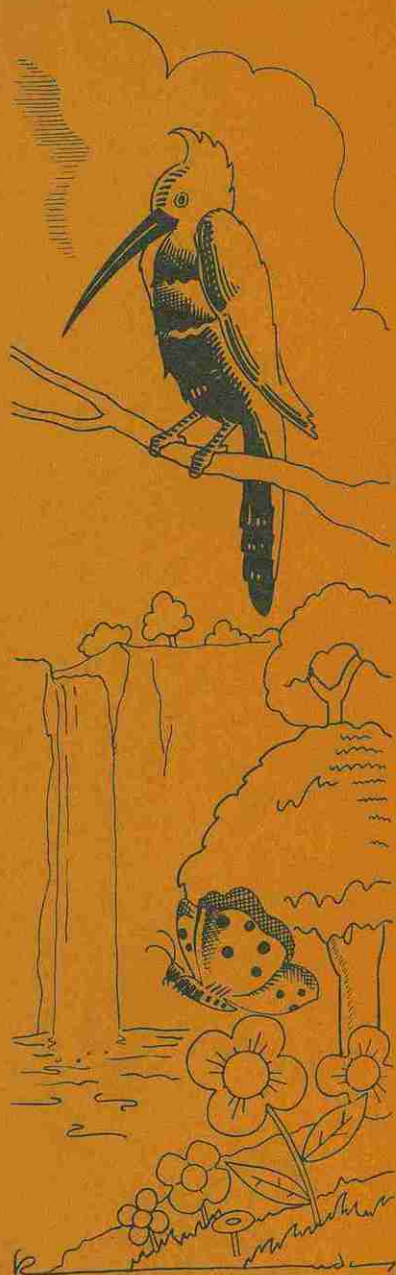
Esteve assim, cosendo, horas a fio,
à frouxa luz de trémula candeia.
De entretida, nem dava pelo frio...
E, contudo, nevava sôbre a aldeia!

Fêz bibes, camisinhas, tudo quanto
pode servir de abafo a um petiz.
Cada vez refulgia mais feliz
o seu olhar imaculado e santo.

E as peças que a Senhora ia acabando
os anjos dum retábulo da igreja
levavam-nas depois num vôo brando
— vôo de pomba que no Céu adeja —

às criancinhas que andam pelo mundo
sem roupa, sem abrigo e sem família...
A Virgem continuava na vigília.
Havia em roda um soluçar profundo.

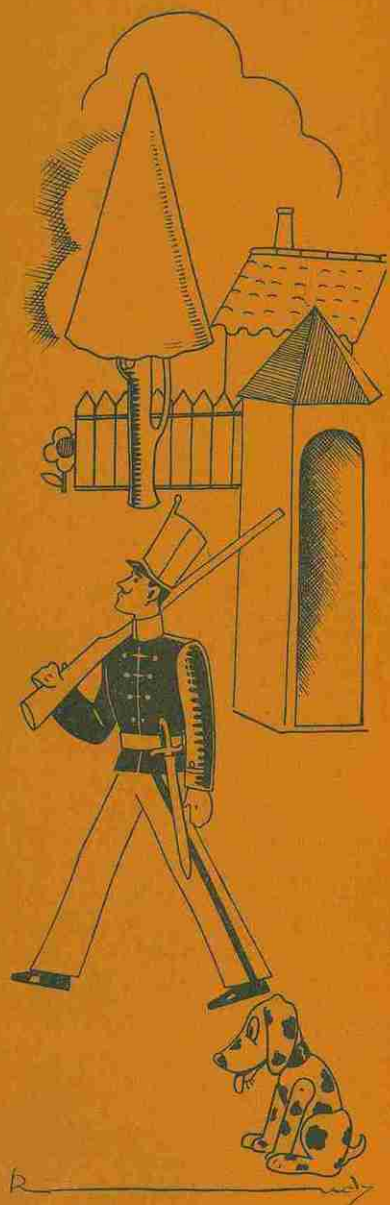
Por fim, adormeceu, ou de cansaço
ou por doce milagre de Jesus.
— Um enxoval inteiro no regaço
e na fronte uma auréola de luz!

E de manhã na missa do Natal,
quando o prior saíu da sacristia,
foi encontrar a Virgem que dormia
— tendo nas mãos a agulha e o dedal.

A DERRADEIRA PRENDA DO MENINO

O Menino Jesus, já cansadinho
de tanto andar por cima dos telhados,
descalçou os sapatos apertados
— eram novos... — e pô-los no caminho.

Nisto, sentiu ruído ali pertinho...
Trepou à chaminé, com mil cuidados,
e que viu? — Dois tamancos esburacados
e, ao pé dêles, rezando, um petizinho.

O Menino Jesus que faz então?
Sem ter nenhum brinquedo ali à mão,
dêsses que tanto agradam aos garotos,

troca os sapatos pelos do petiz.
— E depois vai ao Céu mostrar, feliz,
à Virgem Mãi os tamanquinhos rotos...

MARTÍRIO E GLÓRIA DO PÃO

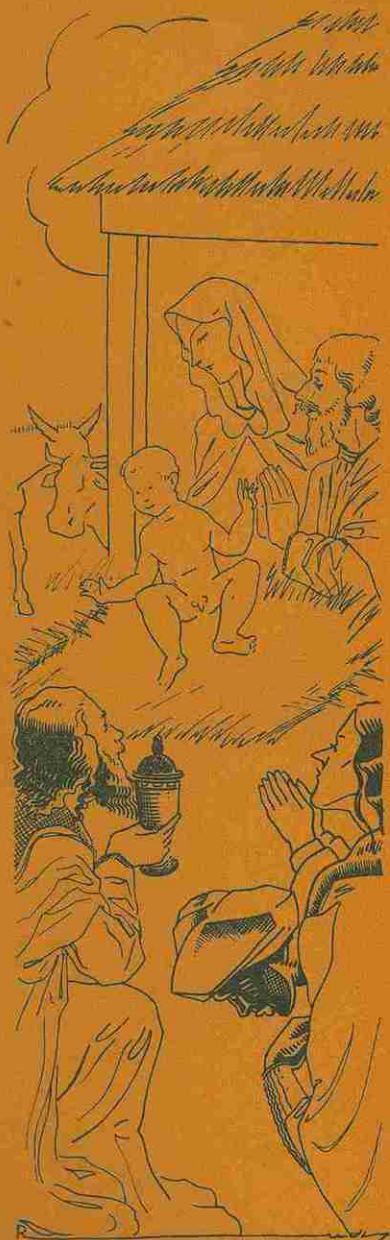
Cai a semente na Terra,
num gesto cheio de luz...
Que riqueza um grão encerra,
quanta ventura traduz!

Êsse grãozinho, lançado
em hora quási divina,
sentindo um outro a seu lado,
tem confiança e germina.

E essas sementes amigas,
mal se vendo e mal se ouvindo,
juntam depois as espigas,
ao beijar o sol tão lindo.

Vem então o ceifador,
transformado em padre-cura,
que, notando aquêle amor,
aquela imensa ternura,

casa as duas a seu jeito,
benze-as à sua maneira
e deita-as no mesmo leito,
na cama da mesma eira.

Vistas assim com certeza
— longas tranças aloiradas —
parecem rei e princesa
de alguma história de fadas.

E, como em tôdas por norma
há um gigante feroz,
surge um aqui, sob a forma
do mangual e das mós.

Bate nelas como um louco,
de tal modo, tanto e tanto,
que as espigas dentro em pouco
são apenas claro pranto.

A farinha então começa
girando de mão em mão;
entra no forno e depressa
se transforma em loiro pão.

E a semente pequenina,
subindo assim pela dor,
chega a ser Hóstia divina
— Corpo de Nosso Senhor.

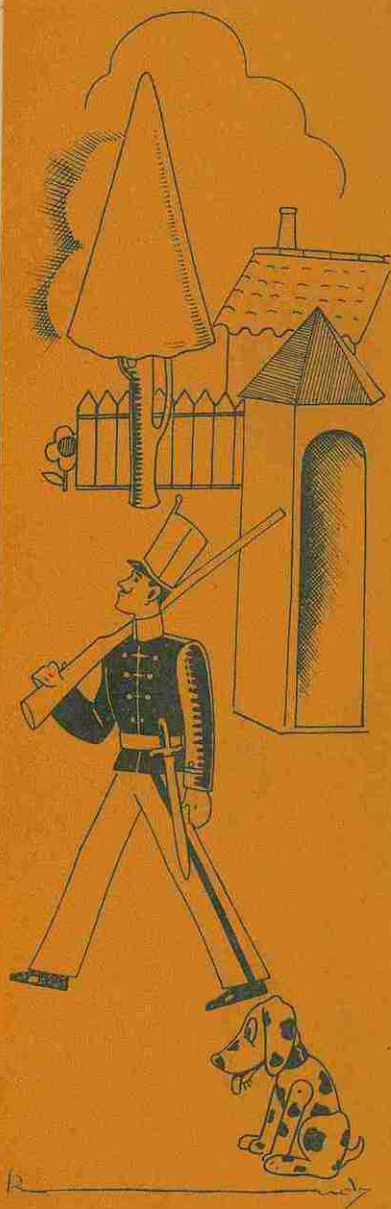
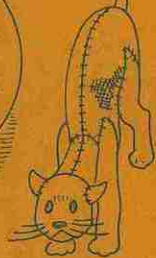
FUGIU UMA RAPOSA!

Eu não sei como foi. Mas a verdade,
a verdadinha, sem tirar nem pôr,
é que anda uma raposa em liberdade
e os exames caminham a vapor.

E que raposa! Só de pensar nela
não durmo, passo as noites de vigília.
A sua pele, riquíssima farpela,
dá bem para vestir uma família...

Já deviam saber da marotice,
pois veio nos jornais em letras grandes,
e não houve Emissora, que se ouvisse,
que não se ouvisse para além dos Andes.

Chegou a publicar-se uma notícia
do prémio a quem puder deitar-lhe a mão.
Pôs-se em campo o exército, a polícia,
e creio até que a própria aviação.

Mas nada! E afinal, aqui p'ra a gente,
tiveram muita sorte ou muita manha,
pois nisto de raposas, francamente,
quem fica mal é sempre quem a apanha...

Por isso vou-lhes dar um talismã,
com o qual são precisas mil cautelas:
ou estudam, como ouviram à mamã,
ou, já sabem, depois é que são elas...

Não pensem na raposa! A Geografia,
as Ciências, a Gramática e a História
— é tudo uma lição de poesia.
Ora oiçam e gravem na memória:

— Quem descobriu meio mundo?
— Portugal, nossos avós.
— E quanto abismo profundo
vencido em cascas de noz!

— Em quantas partes, em quantas,
se divide o coração?
— Às vezes são elas tantas
que nem as linhas da mão.

— Para que serve a raíz?
— Segura e dá a comida.
— É como a alma: Deus quis
ligar-nos ao Céu em vida.

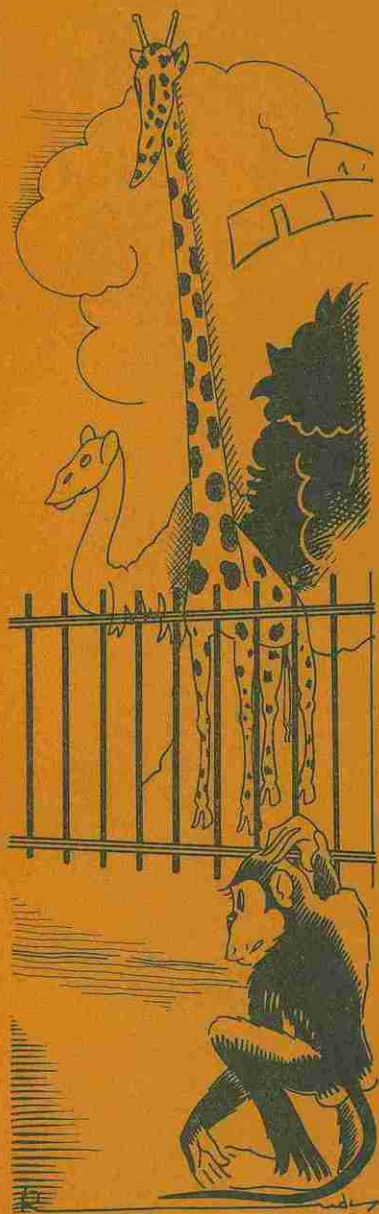
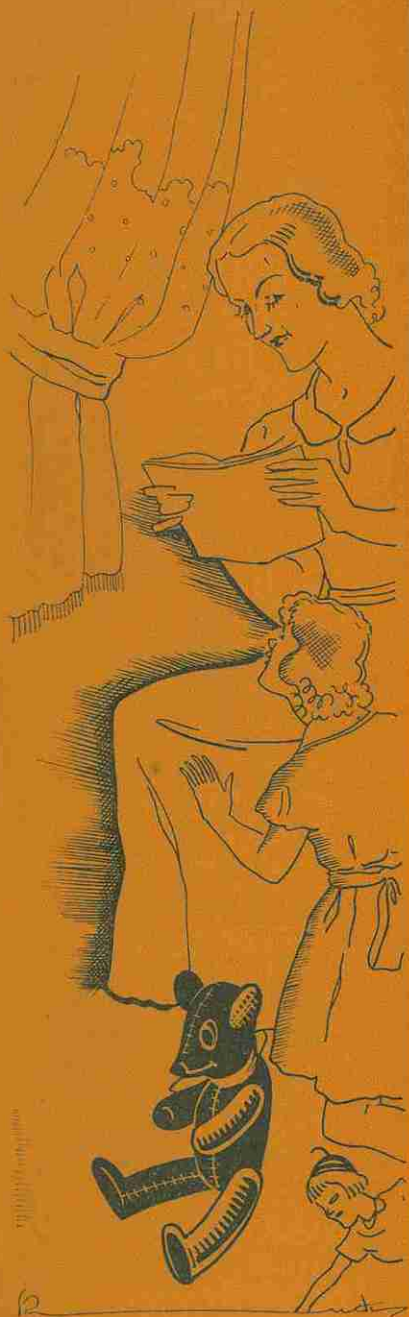
— Das quatro contas qual é
a que mais custa a fazer?
— Dividir. — Façam-na até
o resto nada valer...

— Que é oração? — Lado a lado,
o predicado e o sujeito.
— Seja bom o predicado
que haja sempre em cada peito!

— Que é linha recta? — A distância
mais curta entre dois pontos.
— E tantos que vão, em ânsia,
por curvas, caminhos tontos!

— A forma da Terra? — É linda:
redonda, feita a compasso...
— Mas não é bastante aínda
para igualar um abraço.

Ciências, História, tudo!
A lição é sempre assim:
alvo manto de veludo,
janela sôbre um jardim.

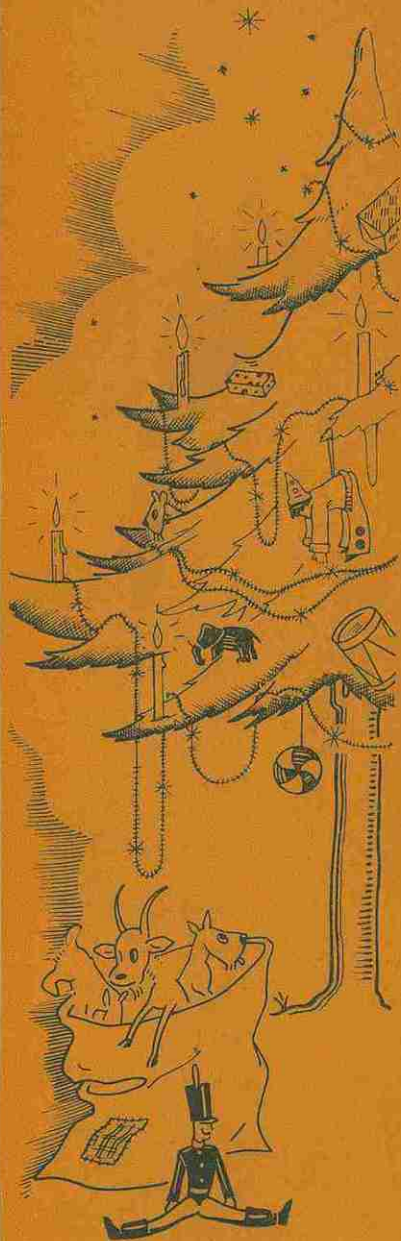
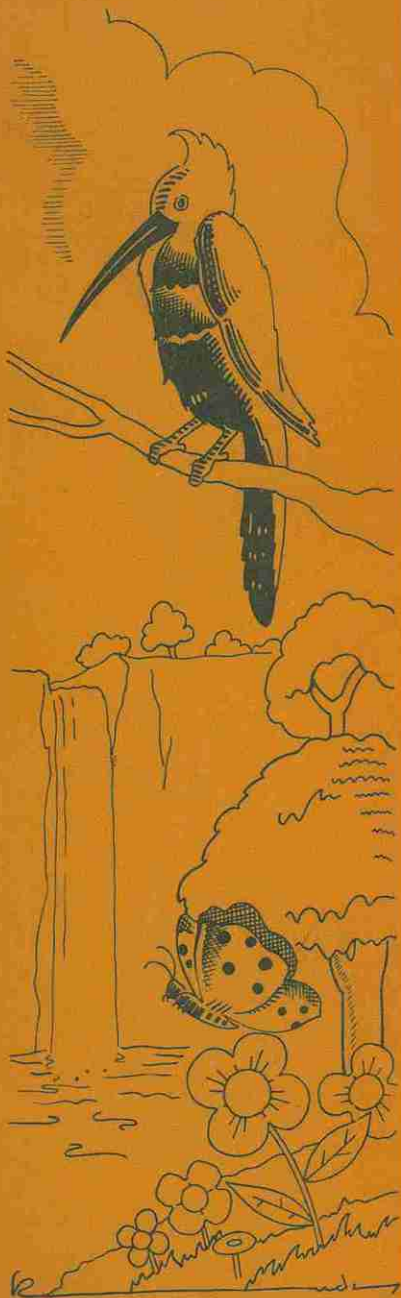
Portanto, vamos, buliçoso enxame!
Contra quem estuda o bicho nada ousa.
E passam todos, todos, no exame!
— Cá fico eu só à espera da raposa...

ABAIXO AS GRADES DOS JARDINS, ABAIXO!

Os meninos das vilas e cidades
já repararam como é feio e triste
ver as florinhas através de grades
— cada grade a lembrar-nos lança em riste?

Que mal teria feito o meu jardim,
mais êste, aquêle, e todos, não dirão?
Que negro crime o dêles, para assim
os meterem, sem dó, numa prisão?!

Parece que as florinhas, quando vêm
para as cidades, de remota aldeia,
perdem o tino: esquecem pai e mãi
e praticam um roubo de mão-cheia...

A gente arranca as flores. Houve roubo?
Pagam elas por nós o desacato...
É quási a velha fábula do lôbo
e do cordeiro, à beira do regato.

E que pena, que mágoa, causa vê-las
a espreitar pelas grades da prisão,
ansiosas de luz, de sol, de estrêlas
— pois onde há grade é sempre escuridão!

Uma ou outra, mais ágeis pela certa,
ou tendo em si aspiração mais forte,
arrastam-se, lá vão à descoberta,
mas só encontram vilipêndio e morte:

mal chegam à janela, sôbre a rua,
sempre mão de criança as colhe e fere.
Lá tomba a haste, pobrezinha e nua,
do cravo, amor-perfeito ou malmequer.

E logo a maioria se intimida
e — que remédio? — aceita a pena imensa:
são condenadas para tôda a vida,
não há apelação de tal sentença.

Cada mão inocente de menino
— fadada para gestos de ternura —
segura o débil fio dum destino,
quem sabe se alegria ou amargura...

Ide ao jardim, portanto, meus amores,
dar-lhes por vossas mãos a liberdade.
Correi... Ih! Já... Deixai em paz as flores
— e levareis a derradeira grade.

UM MENOR IMPREVIDENTE . . .

O PAI:

Bravo! Já lês o jornal...
E de óculos? Que janota!

A FILHA:

Como a avòzinha...

O PAI:

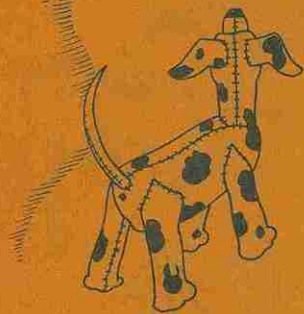
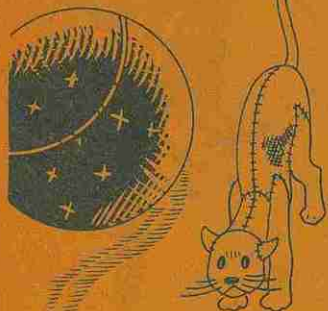
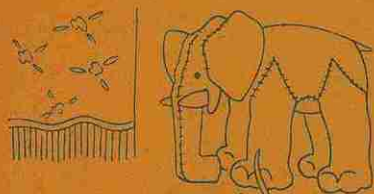
Afinal,
repetes uma anecdota
que todos sabem de cór.

Os óculos servem só
para aquêles, como a avó,
que têm a vista cansada
— e não para ler melhor.

A FILHA:

Ah! Bem me queria parecer!
Se eu não lia quási nada...

O PAI:

E agora vamos a ver:
dize lá que lias tu
com êsse interêsse profundo
— telegramas do Peru
ou o artigo de fundo?

A FILHA:

Nada disso! E eu, afinal,
de perus apenas sei
que se comem no Natal..
Quanto ao fundo, não cheguei:
vou no meio do jornal.

O PAI:

Que disparates, menina!
O Peru é uma nação
Como a França ou como a China...

A FILHA:

Como o Galo...

O PAI:

O galo não!
Quanto ao «fundo», o tal artigo,
vem no «princípio» da fôlha...

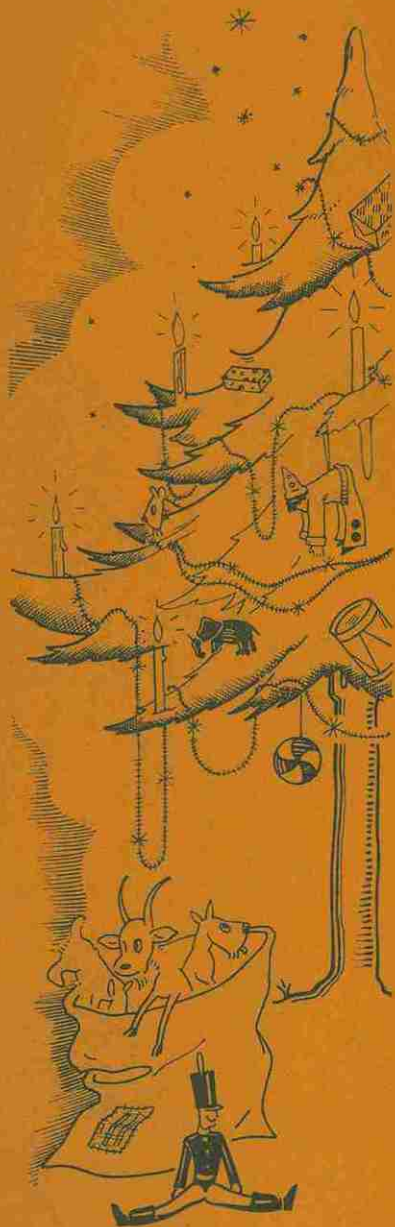
A FILHA:

Que nome! Sempre lhe digo
que não foi feliz a escolha.

O PAI:

Mas «fundo» aí significa
o artigo principal,
a idea mais bela e rica,
fundo-base do jornal.
Percebes agora?

A FILHA:

Sim.
Agora já compreendo.

O PAI :

Bem. Então dize-me, enfim,
que notícia estavas lendo,
de tal maneira interessada.

A FILHA :

É coisa sem importância:
refere-se a um petiz
atropelado na estrada
por um carro de ambulância.
E, segundo o jornal diz,
«a culpa foi da criança».

O PAI :

Pobre garoto! E dizias
que a notícia era, afinal,
sem importância... banal...
Quem tal coisa te afiança?

A FILHA :

Pois se é de todos os dias?!

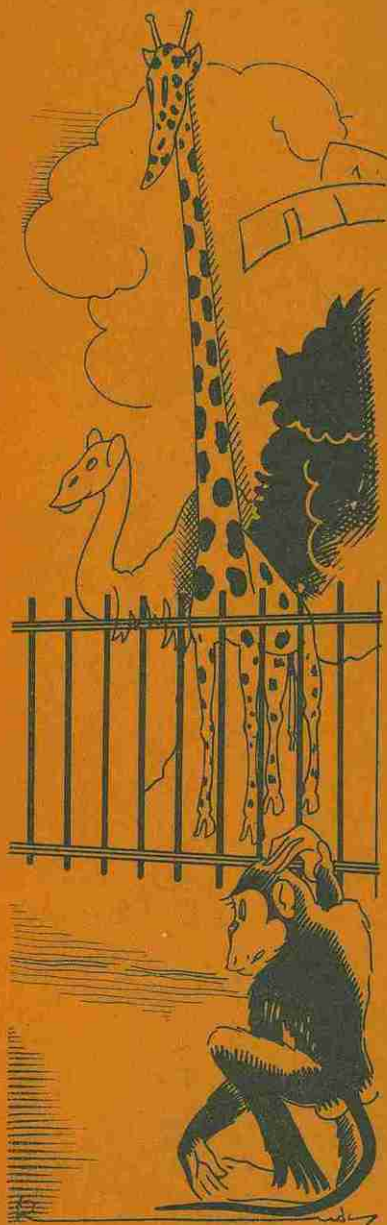
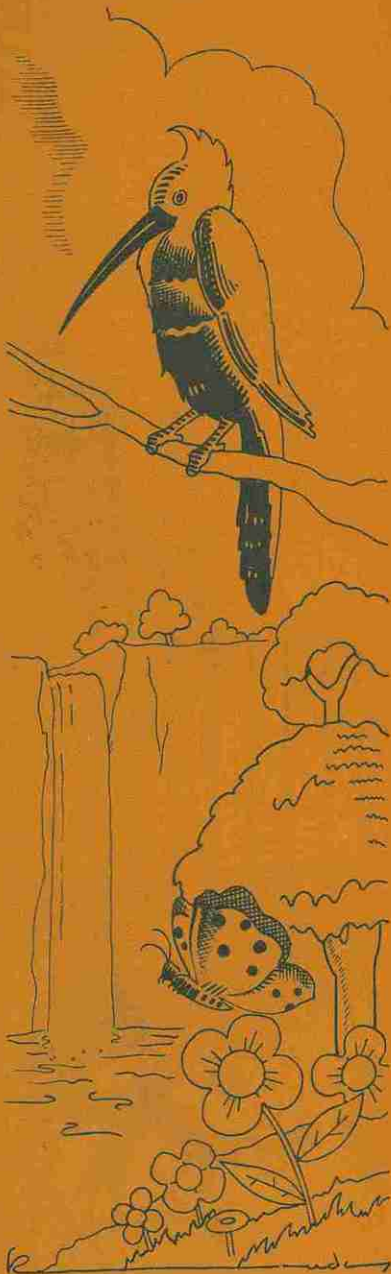
O PAI:

Tens razão, infelizmente.
Mas ouve: a êsse tal drama
o jornal como lhe chama?

A FILHA :

«Um menor imprevidente!»...

O PAI :

Já o esperava. É sempre assim...
A pobre da criancinha
que nem de longe adivinha
o que a espera no jardim,

na avenida ou à janela,
que não sabe o que é o perigo
e lhe sofre as conseqüências,
é sempre a culpada! É ela
que apanha o maior castigo
por essas imprevidências...

A FILHA:

Mas, se não é ela, quem
tem a culpa? O condutor
do automóvel?

O PAI:

Amor,
não é a criança, nem
o motorista na rua:
a culpa é sempre da mãi
ou de quem a substitua.

A FILHA:

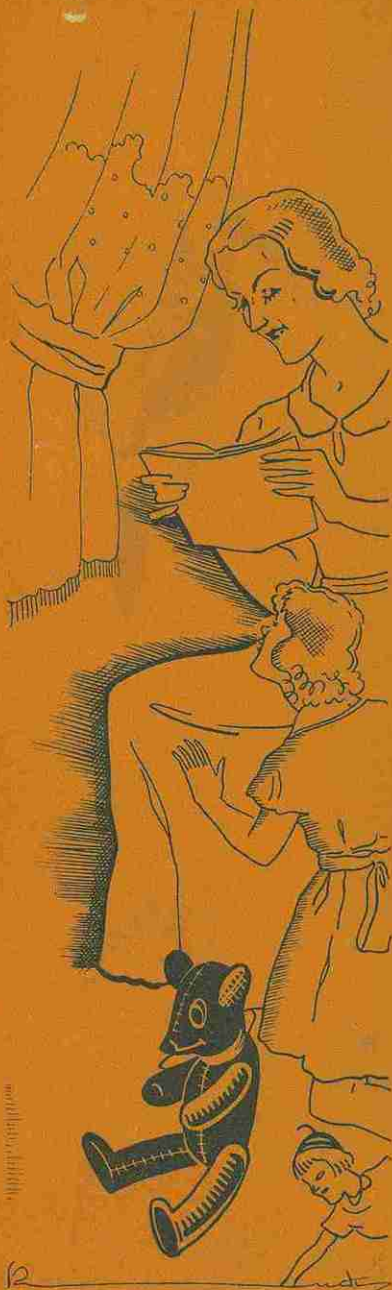
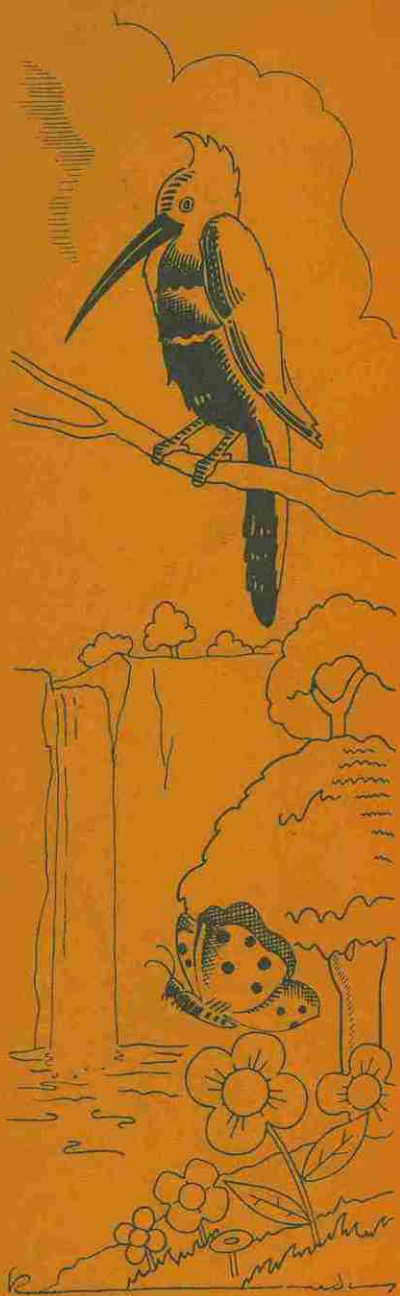
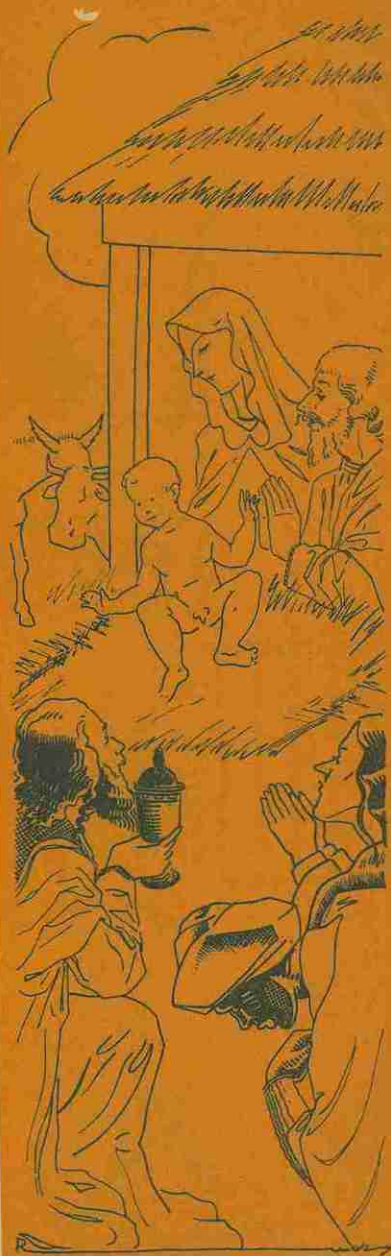
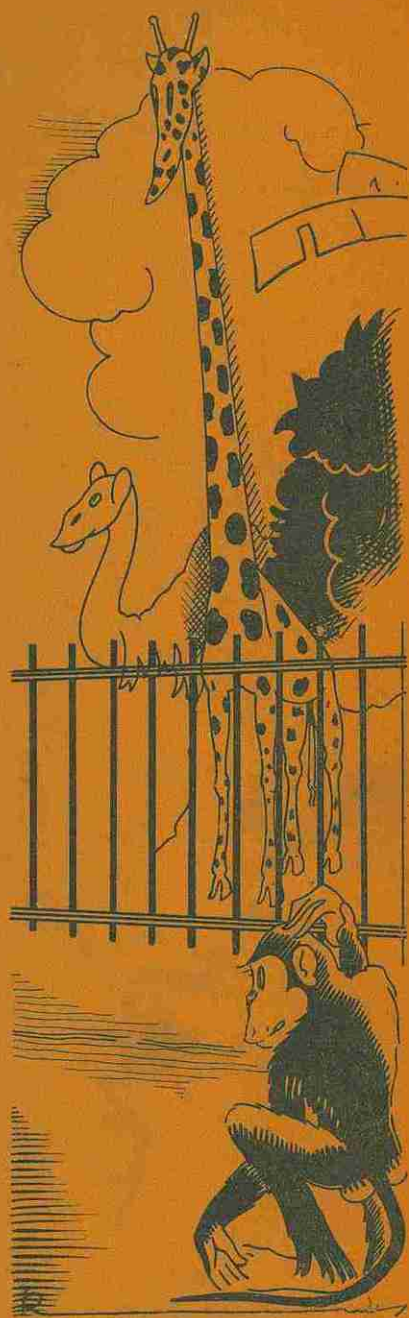
De modo que esta notícia,
para saír verdadeira...

O PAI:

Fizesse-a eu, redigisse-a,
findava desta maneira:

Minhas Senhoras: Vocências,
que sois mãis e sois bondosas,
lembrai-vos que os pequeninos
— adoráveis existências —
são mais frágeis do que as rosas.
Débeis vidas, um fiozinho
mal sustenta os seus destinos...
Por isso, tende cautela!
Não as deixeis no caminho
— que pode vir a ambulância... —
ou, sòzinhas, à janela.
Se saírdes, fique alguém
em discreta vigilância.

Tende cuidado também
com os fósforos. Bem alto!
Não vão chegar-lhes dum salto
e pôr fogo a todo o prédio!
Vêde as facas sôbre a mesa
e as agulhas no sobrado...
Cuidado com o remédio!
E tende bem a certeza
que o lume fica apagado
— não haja nem uma brasa!
Vêde o portão do quintal
e vêde a porta da rua...
Depois disto, etc. e tal,
a verdade nua e crua:
— deveis ficar sempre em casa
ou levá-las juntamente,
bem chegadinhas a vós!
E nunca mais nos jornais
vereis notícias banais
com êste título atroz:

— Um menor imprevidente!...

HISTÓRIAS DA NOSSA HISTÓRIA

QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA UM PONTO

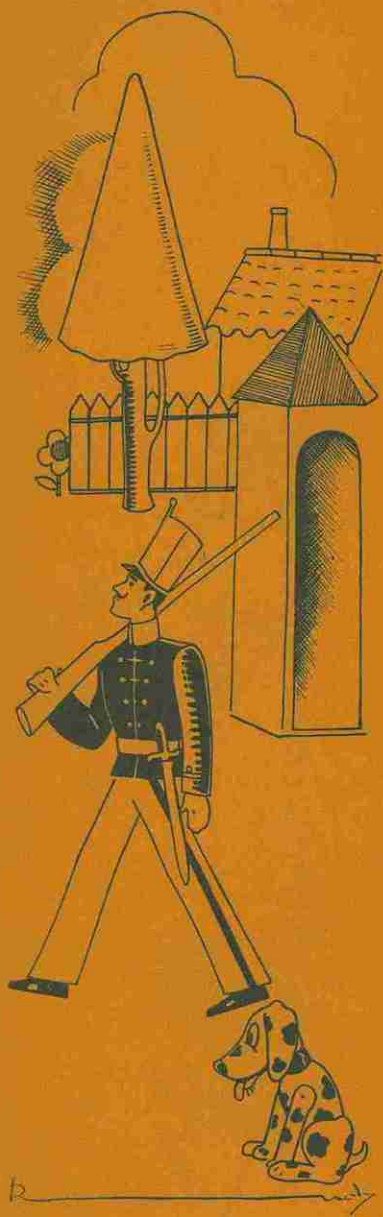
«Era uma vez um príncipe, valente
como poucos: matou por suas mãos
um gigante que tinha seis irmãos.
Vêde bem: seis irmãos! Exactamente...».

Assim contava ao neto uma vèlhinha.
O neto ouviu e foi contar a história,
não como ouvira e tinha na memória,
mas como achava que mais vida tinha:

«Era uma vez um príncipe: matara
dois gigantes, qual dêles o maior...».
Alguém ouviu e aprendeu de cór,
e contava depois com graça rara:

«Certo príncipe, de alma heróica e louca,
matara três gigantes de uma vez.
Ouviram bem, amigos? Um, dois, três!».
E a história foi seguindo, bôca em bôca...

«Houve em tempos, famosos e distantes,
guerreiro moço, herói entre os heróis,
e cuja espada, a rebrilhar aos sóis,
matou quatro enormíssimos gigantes...».

«O príncipe — contava um pequenino,
dando às palavras caloroso afinco —
foi-se aos gigantes e matou-lhes cinco!».
E a história lá seguia o seu destino...

— Conta-me um conto, um conto em que haja reis!
— Pois sim, meu filho. «Certo rei, outrora,
sete gigantes viu à luz da aurora.
Foi contra êles e morreram seis.».

Por fim, já não havia que aumentar:
o príncipe matara todos sete...
Aprendei a lição que se reflecte
numa história tão simples e vulgar.

É sempre assim. Quem conta, embora seja
amigo da verdade, sempre aumenta.
Vêde as cerejas: para ter quarenta,
ou mais, basta puxar uma cereja...

... ...

Há uma história apenas, afinal,
que, por mais que se aumente, fica aínda
muito àquém da verdade heróica e linda:
— É a História do nosso Portugal!

OS TRÊS MILAGRES

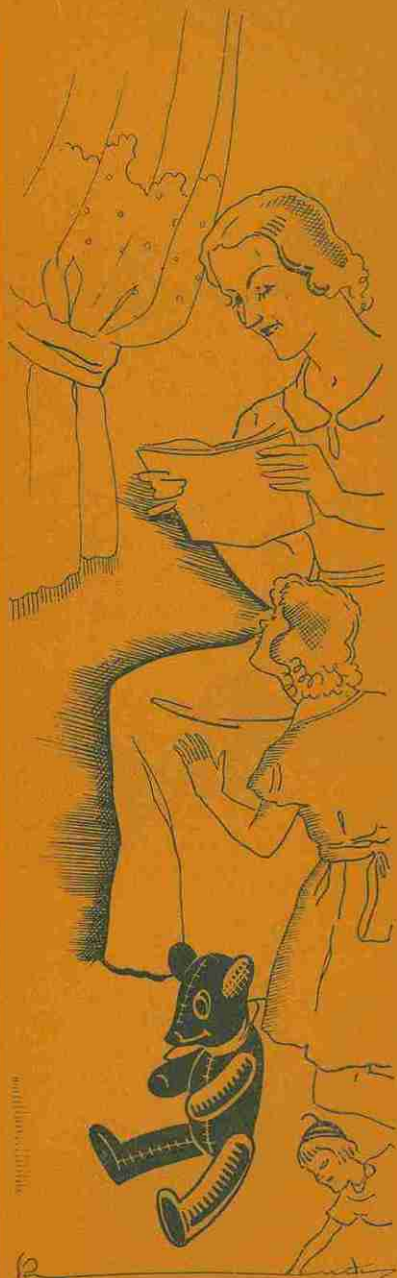
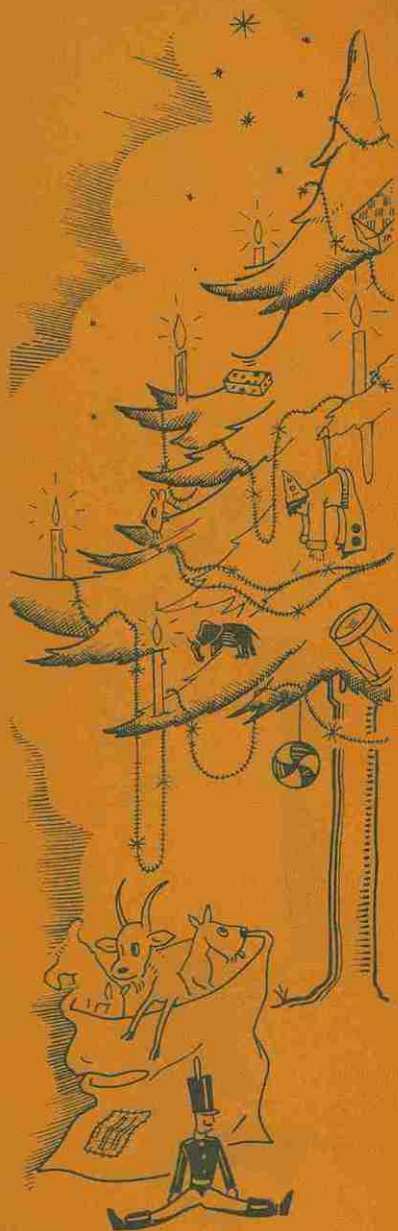
I

É na cêrca do convento
de Santa Clara em Coímbra.
A luz do sol, tomem tento,
— sinete que marca e timbra —
veste de roxo o momento.

O largo parece estreito
de tanto pobre que o peja:
um que tosse — é mal do peito;
outro, cèguinho, rasteja;
e choram todos a eito...

De-certo a fome e a dor
aprazaram entrevista.
E o próprio sol é sol-pôr,
como quem tapasse a vista
para não ver tanto horror.

Filhos ao colo dos pais,
vèlhinha p'la mão dum neto...
E a ladaínha dos ais
— zumbido de estranho insecto —
aumenta e não pára mais.

Nisto, ao longe, na distância,
nasce uma luz — outro sol!
Olham-se todos em ânsia,
ante a estrelinha que bole
e espalha meiga fragrância.

— Que será, que não será?
pregunta a chusma em tropel.
E eis que todos vêem já:
— Raínha Santa Isabel,
santa como outra não há!

E tudo corre! Parece
que os trôpegos abrem asas...
Sobe um murmúrio de prece.
E nos corpos, que eram brasas,
cinza de alívio aparece.

Dá a todos a princesa
boa fala: estranho bodo.
E o que ela diz, com certeza,
mais que as moedas a rôdo,
alegra a própria tristeza.

Repicam sinos! Dlim... Dlão...
Padre Nosso... Avé Maria...
Lembra cada coração
uma doida romaria
em dia de S. João...

Mas renasce a ladaínha!
Surge el-rei: que vai passar-se?
A turbamulta adivinha...
Guarda o oiro com disfarce:
— não comprometa a Raínha!

Ergue então a voz el-rei
e a sua voz mete mêdo:
— Senhora e espôsa, dizei
que dais assim em segrêdo!
A vossa vontade é lei...

Responde ela em voz de pranto:
— São rosas, Senhor, só rosas...
E ante o rei, imerso em espanto,
florescem rosas formosas
em cada prega do manto.

II

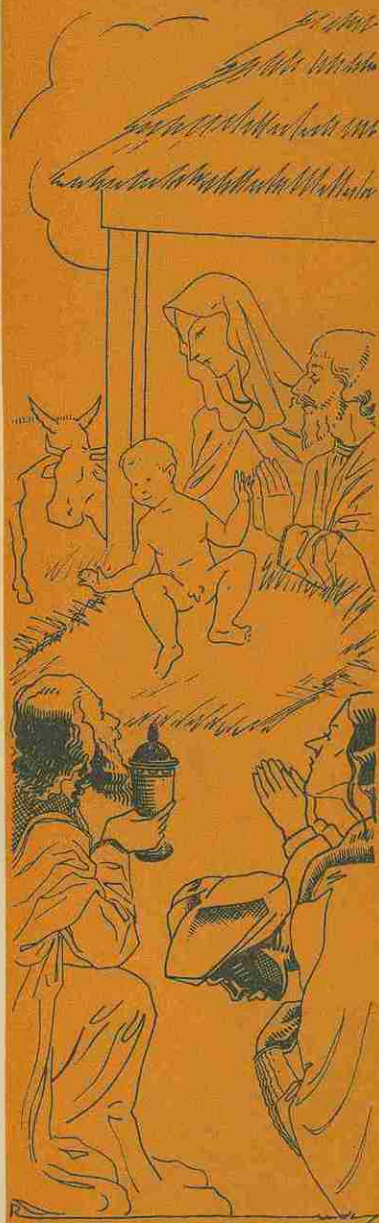
Alemquer. Risonha, feliz,
nas obras de igreja nova
a pedra canta. E lá diz
o povo que a pedra trova
como o senhor D. Diniz...

Seja história ou seja lenda,
pedra que a Deus se consagre
assume jeitos de renda
e canta, nem por milagre,
cantiga que o mundo aprenda.

Isabel, Raínha e Santa,
visita a obra, sòzinha.
E é então que a pedra canta,
como se houvesse, a mesquinha,
um rouxinol na garganta!

Naquelas naves tão calmas
já quási habita o Senhor.
E a Raínha bate palmas,
contente porque o Amor
vai encher de sol as almas...

Que seja dia de festa!
— Operários? São seus irmãos...
Eis portanto o que lhe resta:
— Pagar-lhes por suas mãos,
embora paga modesta.

É que a pobre da princesa
já deu tanto até agora
que algum dia com certeza
hão-de vê-la, estrada fora,
de mão estendida à pobreza...

Busca e rebusca nos folhos.
Nem moeda... Que desgraça!
Tombam lágrimas dos olhos:
— parecem estrêla que passa
ou rosas de Abril aos molhos.

Que fazer? Anda no ar
perfume que vem da igreja.
Pára a Santa de chorar.
— Tem rosas? Que Deus as veja!
Nada mais tem para dar...

A cada operário ela oferta
uma rosinha em botão.
Soa um brado, estranho àlerta:
— Mas como comprar o pão?
E sem pão a fome é certa...

E o espanto por essa paga
mais os perturba e domina;
cresce, cresce: é como a vaga
que nasceu tão pequenina
mas em breve tudo alaga.

Cada rosa, de repente,
torna-se em linda moeda!
E uma voz, que é voz corrente,
vai, de vereda em vereda,
dar a nova a tôda a gente...

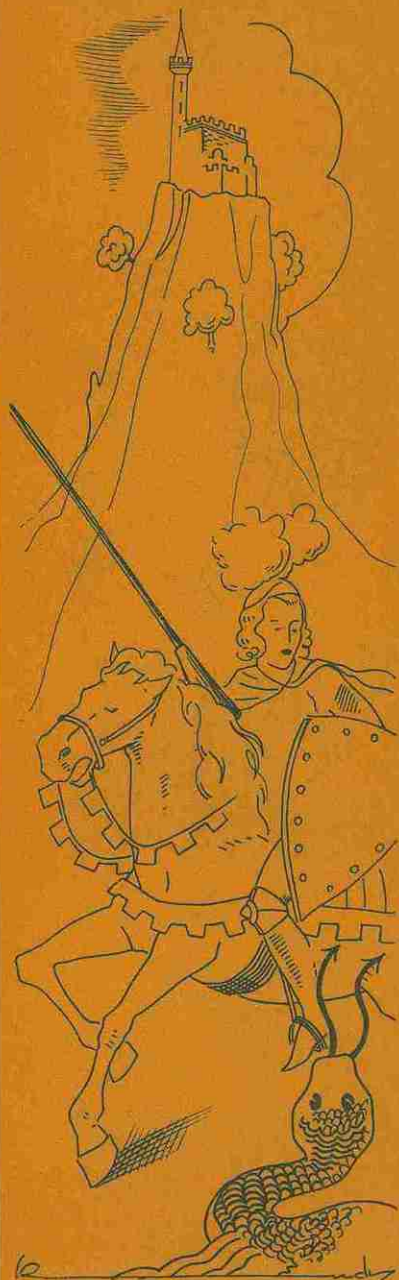
E a voz lá vai, vale em vale,
a cantar, de serra em serra,
tôda a glória sem igual
da Santa da nossa terra,
Raínha de Portugal!

III

Senhora Raínha! Após
tanto milagre que operaste
— mil rios na mesma foz,
mil rosas na mesma haste —
nunca te esqueças de nós.

E faze um milagre novo,
ó Primavera, Andorinha:
— água fresca em prato covo...
Olha, Senhora Raínha,
que olhas só pelo teu povo.

Que o milagre se repita,
Raínha Santa Isabel,
santa mil vezes bemdita,
enchendo as almas de mel,
duma doçura infinita.

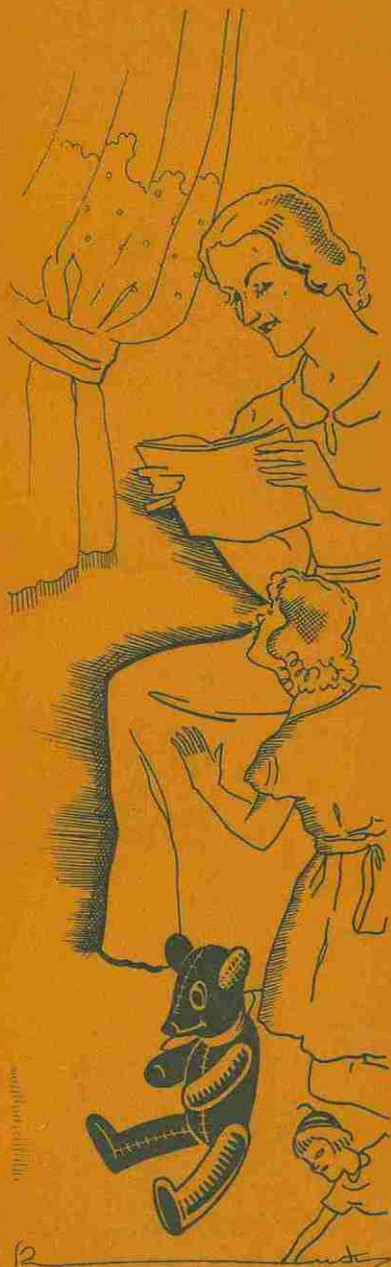
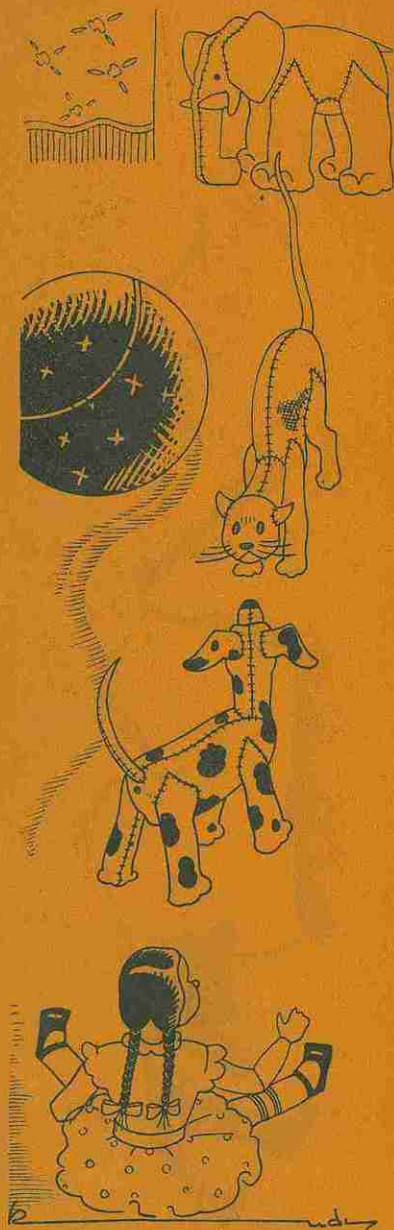
Abre, Senhora, o tesoiro
das tuas mãos caridosas:
dá-nos risos e pão loiro...
— E as rosas sejam só rosas
e o oiro seja só oiro!

LENDA DO MAR TENEBROSO

Houve em Portugal um Príncipe
— em tempos que já lá vão —
muito sábio e tão valente
como seu pai, D. João.

Pois o Infante D. Henrique
— chamado o Vèdor de Sagres —
fêz tão grandes descobertas
que até parecem milagres.

Perante façanhas tais,
tôda a História se amesquinha:
tão grandes, até parecem
um conto da Carochinha!

Aventuras tão famosas
e nunca mais igualadas,
que lembram menos História
do que «fábulas sonhadas»!

É que nesse tempo os mares
não eram o que hoje são:
— eram como um quarto escuro
onde se esconde o papão.

Diziam as vélhas lendas
que lá nos mares distantes
havia abismos profundos,
monstros, feras e gigantes!

Eram assim tal e qual
como a Tôrre da Má Hora:
— «Quem lá vai, nunca mais torna;
nunca mais se vem embora...».

Mas um dia os portugueses
souberam que estava presa,
lá nesses mares distantes,
uma formosa princesa.

Quem era? Só se sabia
que era a donzela mais linda,
mais formosa e mais altiva
que no mundo houvera aínda.

Em noites de calmaria,
nas praias de Portugal,
ouvia-se o mar cantar
na sua voz de cristal:

— «Longe, longe, muito longe,
onde só há mar e céu,
num castelo sobranceiro
que sôbre as ondas se ergueu,

vive uma linda princesa,
pensativa que nem monge...».
E a fala do mar ecoava
ao longe... lá muito ao longe...

Juntavam-se os marinheiros
para ouvir tão doce canto.
Só de pensar na princesa,
lhes vinha aos olhos o pranto!

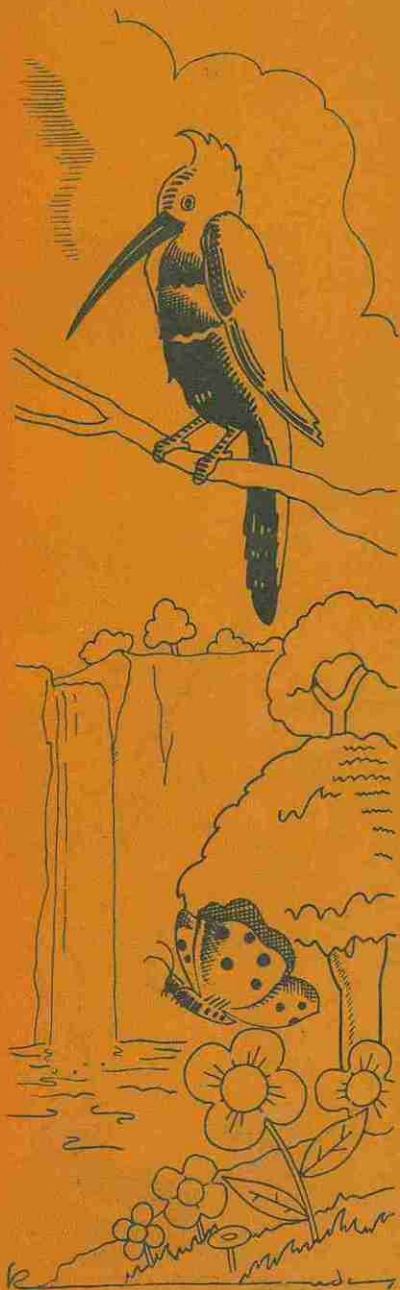
E a lenda que o mar contava,
na sua voz tão bizarra,
foi repetida à lareira
ao som dalguma guitarra...

E a lenda que o mar contava
e que o povo repetia
chegou por fim ao palácio
em que o Príncipe vivia.

D. Henrique, ouvindo a história
da princesa, enamorou-se
e resolveu ir buscá-la
— custasse fôsse o que fôsse!

Mandou fazer uma Nau
que, lançada ao mar cruel,
lembrava casca de noz
ou barquinho de papel.

E os portugueses lá foram
por êsses mares distantes,
vencendo abismos profundos,
monstros, feras e gigantes...

Chegaram por fim à tôrre
em que a princesa vivia:
— tão linda que até a noite
brilhava ali como o dia!

Em volta, muitos Dragões
guardavam a fortaleza
e, lá no cimo da tôrre,
sorria a linda princesa.

Travou-se logo batalha
entre os nossos e os Dragões:
os portugueses batiam-se
como se fôssem leões!

E o Infante D. Henrique
(honra prestada lhe seja!)
matando o maior Dragão,
pôs termo enfim à peleja.

Fizeram-se logo ao mar
que até lembrava cristal;
e, trazendo a princesinha,
voltaram a Portugal.

Depois casaram-se os dois,
e pronto... acabou-se a história.
Sabeis quem era a princesa
noiva do Infante? — Era a GLÓRIA!

Os dois búzios

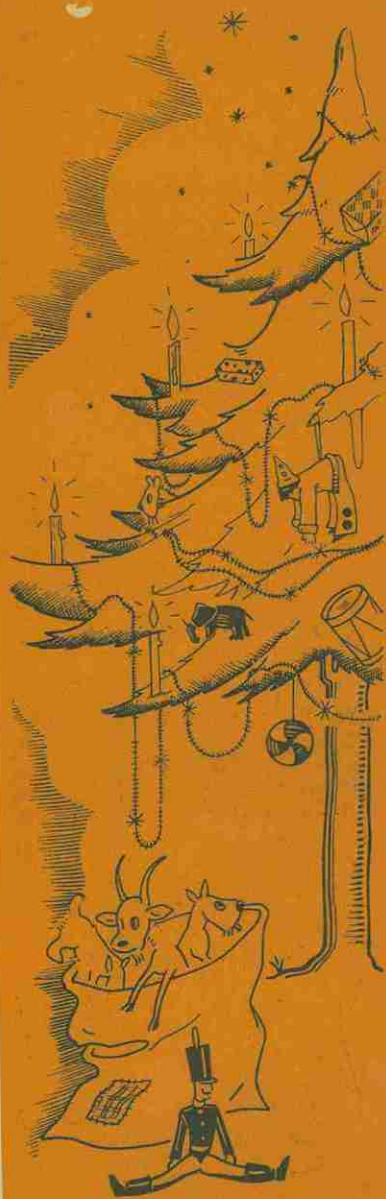
PAI

Vá, meu filho. Seja agora
— de ontem e sempre ao invés —
a tua voz pequenina
que soluce: «Era uma vez...».

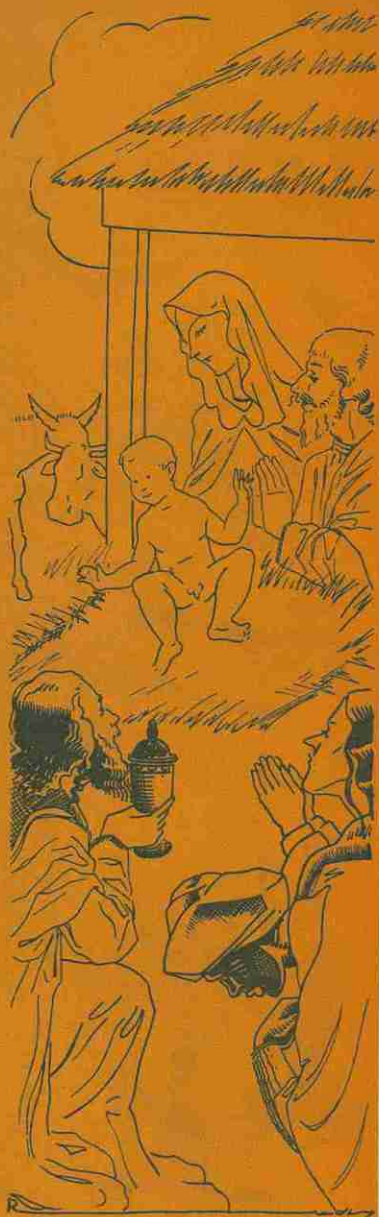
FILHO

Pois seja, pai. Nos mais dias
alternaremos os dois:
um dirá — «Era uma vez...»
e o outro logo — «E depois?...».

Era uma vez a princesa
Branca, da Côr do Luar,
de tal beleza que a gente
mal a pode imaginar.
Vivendo em certo país,
mesmo à beirinha do mar,
gostava a linda princesa
de ir para a praia sonhar.
E, alheia a tudo, ficava
horas ali a escutar
as elegias que o vento
nas ondas anda a rimar.

PAI

Depois?

FILHO

Um dia a princesa
— dona de jóias sem par —
foi assaltada na estrada
que ao seu palácio ia dar.
E lá a levaram presa,
de tal maneira a chorar
que até o pranto lembrava
a espuma branca do mar.
Entrou por fim a princesa
no mais distante solar:
tão longe que a voz das ondas
nem lá podia chegar.
Nisto o senhor do país,
que tinha andado a caçar,
quis ir ver a princesinha
Branca, da Côr do Luar.
Mas logo que reparou
no pranto do seu olhar,
foi o rei, humildemente,
aos pés dela ajoelhar.
Pediu-lhe que perdoasse
tê-la mandado roubar
e prometeu com amor
que a levaria ao altar.
Consentiu a princesinha,
sempre a chorar, a chorar...
Depois, passaram-se dias.
Só o pranto sem passar!
Um dia o rei preguntou-lhe
a causa do seu pesar,
pois, fôsse o que ela quisesse,
tudo havia de lhe dar.
Então a linda princesa,
vendo uma estrêla no ar,

disse que tinha saüdades
de ouvir o mar soluçar.
O rei foi ter com a fada
do país para contar
a razão por que a princesa
levava a vida a chorar.
E a fada, cheia de pêna
por tão profundo penar,
pôs então dentro dum búzio
a voz das ondas do mar.
Sorriu-se logo a princesa
depois do búzio escutar.
Tudo era agora alegria:
o rei, o país, o lar,
ante o amor que nascia
e vinha ao peito cantar
— como cantava no búzio
a voz das ondas do mar...

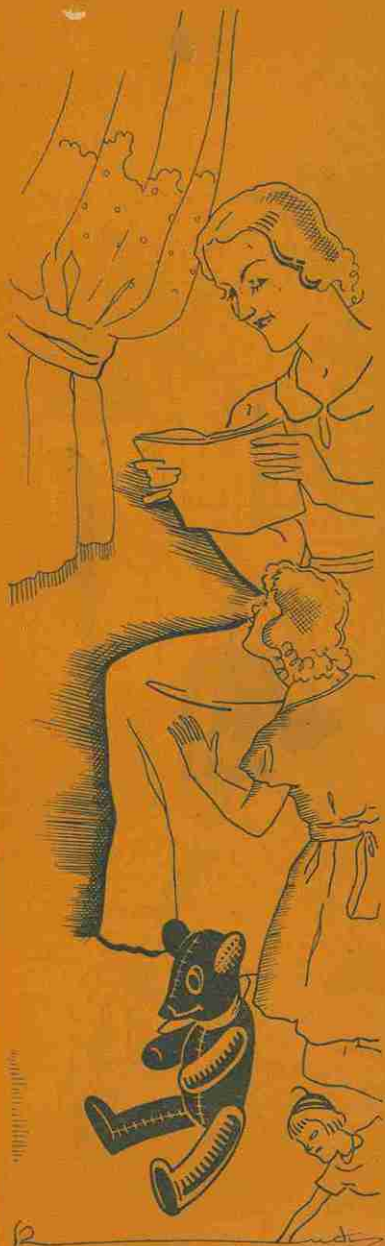
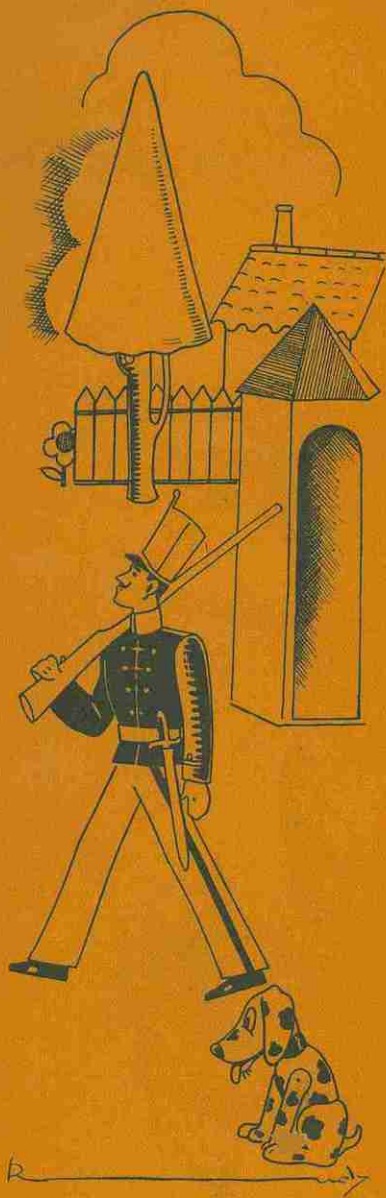
PAI

Bem, filho. Mas ouve agora
a mesma história contada
sem meter rei nem princesa
nem prodígios duma fada.
Houve um poeta e guerreiro
— um génio bem singular —
que prendeu num outro búzio
a vida inteira do mar.

FILHO

E depois?

PAI

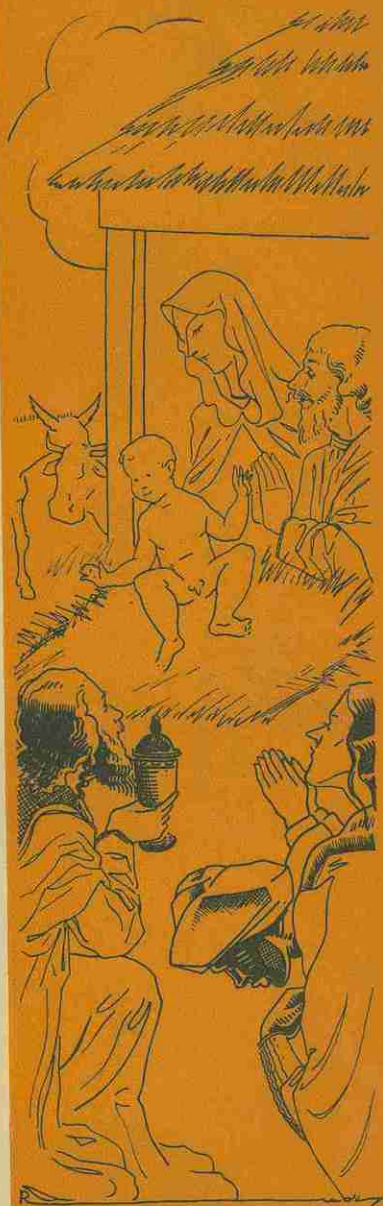
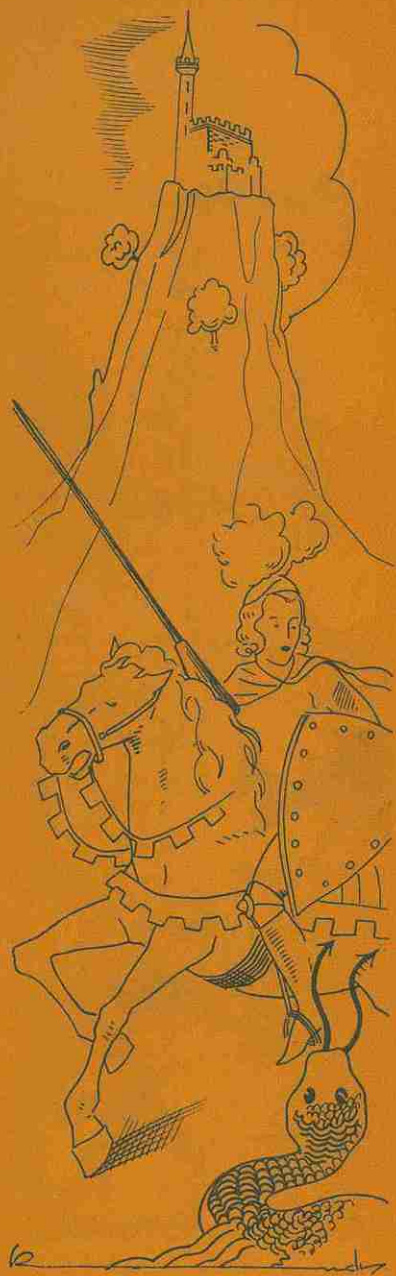
Foi a ternura,
a violência das ondas.

Nem que os seus olhos tivessem
a perspicácia das sondas:
adivinhou os mais fundos
mistérios do mar bravio,
desde que é lágrima, gota,
vaga pequena do rio,
até que sobe na crista
das ondas, alvo lençol,
quási a roçar as estrêlas,
quási a tapar-nos o sol.

FILHO

E depois?

PAI

O chôro, a reza,
ai que entristece mal soa,
grito, sôpro, voz em fúria,
uivo de ferida leoa:
tudo êle pôs no seu Livro.
Abre-o bem de par em par...
E hás-de ouvir em cada verso
a voz das ondas do mar.
Fixa o nome dêsse búzio
— noite, penumbra, clarões! —
e o do poeta que o fêz:
«OS LUSÍADAS» — CAMÕES.

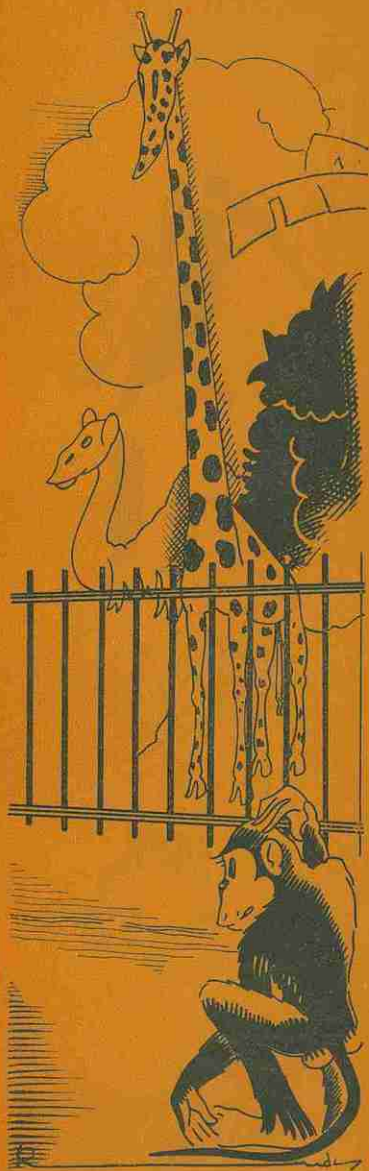
VOZ
DO
POVO

NEM TUDO QUE LUZ É OIRO

— Olha, uma estrêla, amigo Sapo, ali,
mesmo no fundo da lagoa escura...
Possìvelmente deu-lhe uma tontura:
caíu do céu... E treme — que eu bem vi!

Isto dizia, pouco mais ou menos,
o Cão da quinta, um belo perdigueiro,
e o melhor companheiro
dos pequenos.

Metia-se com todos; com o Sapo
isso então a propósito de tudo.
Às vezes apanhava o seu sopapo
por ser tão abelhudo...

Mas qual? O bom do Cão não tinha emenda
nem guardava rancor.
E falava da horta — compra e venda —
nem que fôsse um doutor...

Naquela noite deu-lhe para boa:
interrompeu o giro pela quinta
e à beira da lagoa,
olhando a água escura como tinta,

pôs-se a fitar uma estrelinha de oiro
que brilhava no fundo:
— Ou é estrêla, dizia, ou um tesoiro
e o maior dêste mundo!

O Sapo — que sabia que o luar
e as estrêlas costumam vir mirar-se,
com supremo disfarce,
em águas de lagoa, rio ou mar... —

sorria com irónico desdem,
vendo o pateta a namorar a estrêla:
— Repara agora, amigo Sapo, além...
Exactamente... Quem me dera tê-la!

E aproximava-se de tal maneira
que molhava o focinho:

— Que linda estrêla! É mesmo verdadeira!
Caíu talvez do ninho.
Brilha mais que as do céu... Que luz tão doce!
Vamos a ver se a apanho...

Curvou-se mais aínda, debruçou-se...
e apanhou afinal — mas foi um banho...

O Sapo, que suou as estopinhas
para salvar o louco,
disse então com prosápia (e faço minhas
as palavras do ilustre bicharoco):

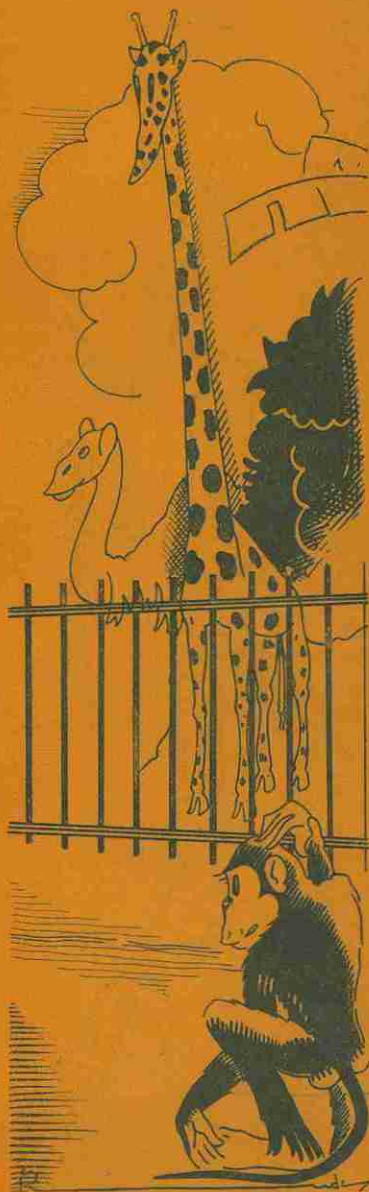
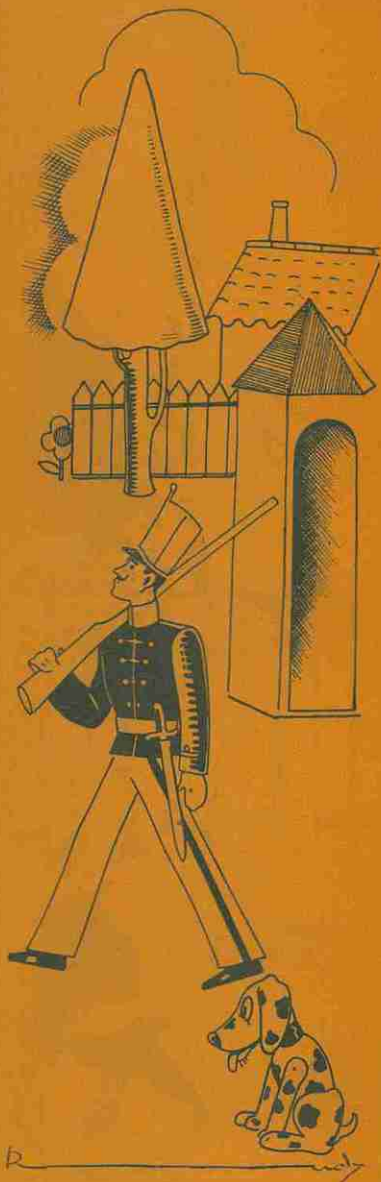
— Aprende, amigo, como o que seduz,
pela aparência, tanto mal encobre.
Desconfia do brilho: o que mais luz
às vezes — nem é cobre!

QUEM UMA VEZ MENTE FIEL NUNCA

Naquele dia, o vélho Chimpanzé,
compadre do Leão,
desatara a fazer um tal «banzé»,
e do pé para a mão,
sem razão de maior, que a bicharada
— diga-se a verdadinha —
ficou logo deveras assustada,
como quem adivinha
desastre enorme, roubo, ou coisa assim
de vulto, de importância.

E, como continuasse o tal chinfrim,
a bicharada, em ânsia,
lá foi em bicha, e tôda tagarela,
à cata da notícia.

— Deixei a sopa ao lume na panela
e estava uma delícia,
cacarejava uma Galinha, ufana.
— Isto é caso arrumado!
O nosso primo é doido por banana:
deve ter escorregado...

— Pois quanto a mim, em minha opinião,
inda que mal pareça,
respondeu o Gerico, foi questão:
partiram-lhe a cabeça!

Tinha havido «partida», olá se tinha!,
e que dera no goto...
O chinfrim não passara de gracinha
do Chimpanzé maroto.
O que êle riu, ao ver o batalhão
que viera «salvá-lo»!
E, ante a fúria dos outros, isso então
é que foi um regalo.
Estava «fixe». De óptima saúde.
Ai! Olarilolela!

— E para a outra vez: que Deus me ajude!
Não caiam na esparrela...

A «outra vez», de que falava o mono,
chegou daí a nada.
Foi alta noite e no melhor do sono
de tôda a bicharada.
O Chimpanzé berrava: — Aqui d'el-rei!
Socorram-me! Ó da guarda!...

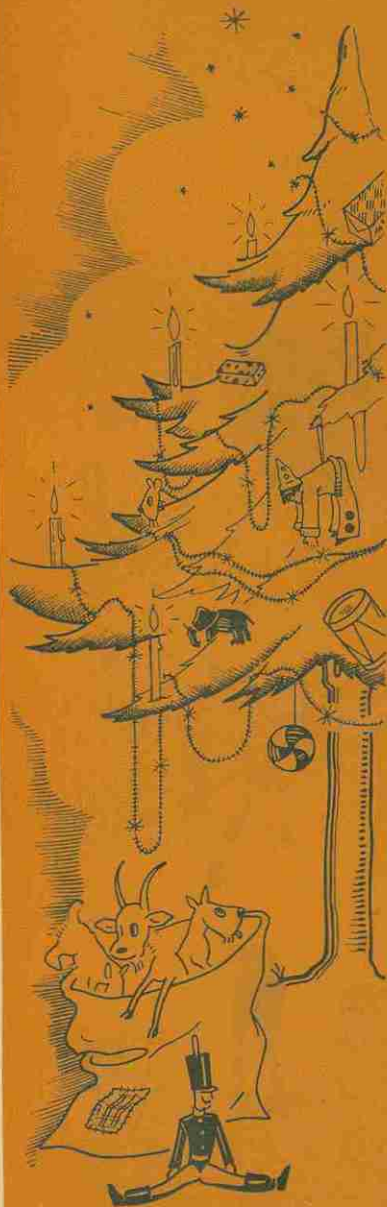
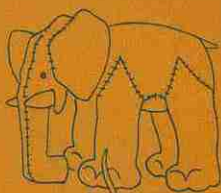
E disse o Burro: — Desta vez já sei...
Não enfio a albarda.
Os outros apoiaram o colega:
— Tem razão, seu vizinho.
Lá volta o mentiroso à cega-rega...
Pois que brinque sòzinho.

E no Reino dos bichos, dentro em pouco,
sob a luz do luar,
tudo dormia, emquanto o mono louco
gritava a bom gritar.
De manhãzinha, ao irem buscar água
para o pequeno almôço,
é que foi choradeira, espanto e mágoa,
curvados sôbre o poço.
Lá no fundo jazia o Chimpanzé.
Certamente caíra!

— Por isso êle gritava... Deram fé?
Julguei que era mentira.

— Também eu, primo Burro, também eu,
foi resposta geral.
E já agora, visto que morreu,
faça-se o funeral.

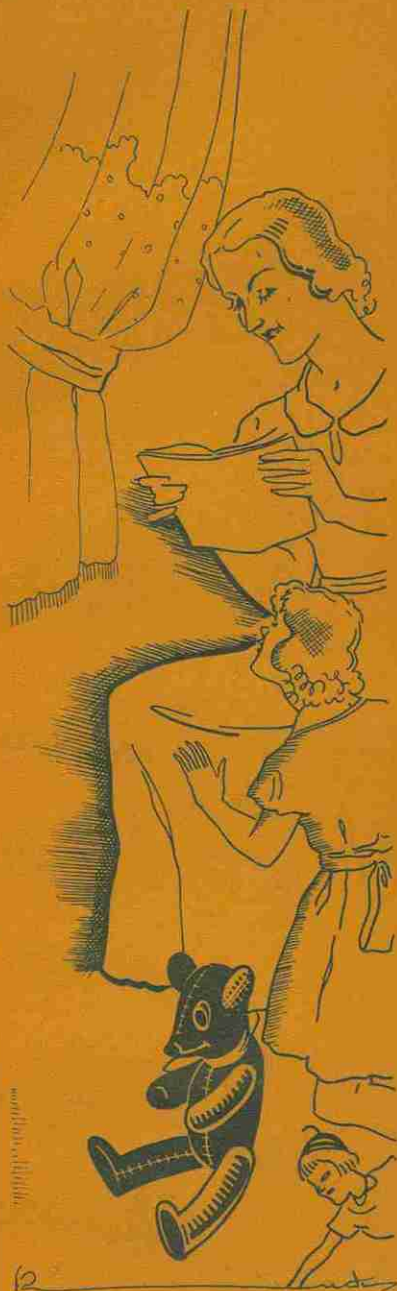
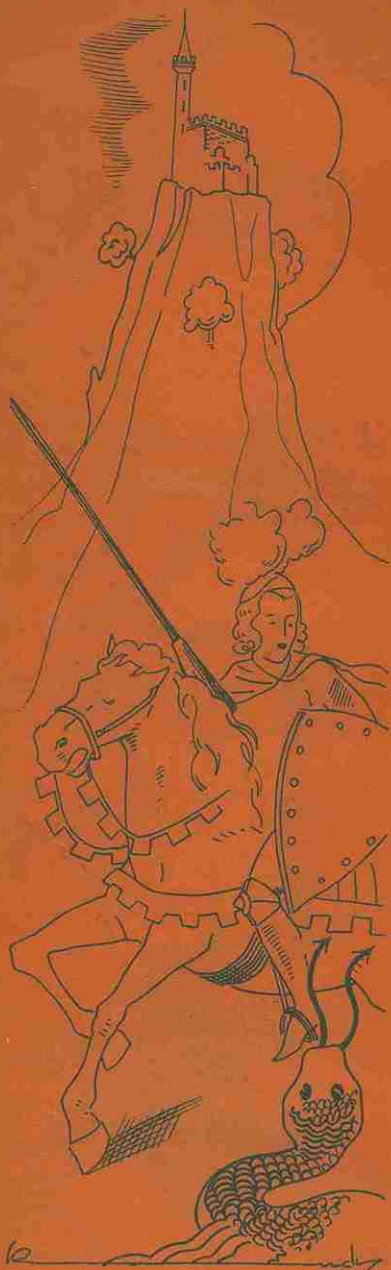
E assim se fêz. O Burro, junto à cova,
resolveu botar fala.
Ia catita, de labita nova
e de boné de pala:

— Talvez o exemplo dêste pobre amigo
muita desgraça evite.
Se mentis uma vez, correis o perigo
de que ninguém jamais vos acredite.

DEPOIS DA CASA ROUBADA, TRANCAS À PORTA

Peça em três actos. Título: «Castigo
de quem a vida inteira apenas brinque».
Autor, já sabem, êste vosso amigo,
inspirado em Maurice Maeterlinck.

Acto primeiro. — Quando sobe o pano,
diz a Raínha, dentro da colmeia,
emquanto enverga o manto soberano:
— Eu vou saír. Mas volto às 5 ½.

Vejam lá. Cuidadinho com o mel,
tomem conta no lume e nos ladrões!
Se virem inimigos em tropel,
não hesitem: apliquem-lhes sanções...

Resposta em côro: — Vá descansadinha...
Não há-de haver de-certo novidade.
Até logo, ilustríssima Raínha!
Adeus, sr.ª D. Majestade!

E a Raínha lá foi, tôda taful,
passeando orgulhosa os seus desdens,
dar uma volta pela Rua Azul,
deitar os olhos pelos armazens.

ꕥ

Acto segundo. Agora é que são elas!
Inda a Raínha não virara a esquina
e já estavam à bulha as sentinelas:
— Eu não fico! Quem fica é a menina...

— Eu? Mas que idea! Julgam-me criada?
Pois não querem lá ver a brincadeira!
Isto assim, já lhes digo, não me agrada.
Não nasci para Gata Borralheira.

Zás que zás! Era o jôgo do empurra:
— Ficas tu, fica a Rita ou a Náná!
Qual delas mais teimosa, mais caturra,
deixaram a colmeia ao «Deus dará...».

ꕥ

Final. Volta a Raínha ao seu palácio.
Traz como prenda (gosta de dar prendas)
um balãozinho verde e violáceo,
que lhe deram na loja de fazendas.

Lá estavam as abelhas de vigia!
Aquilo é que eram boas sentinelas...
Se até, por precaução — quem lho diria?! —
tinham trancado portas e janelas?!

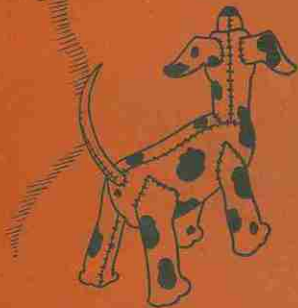
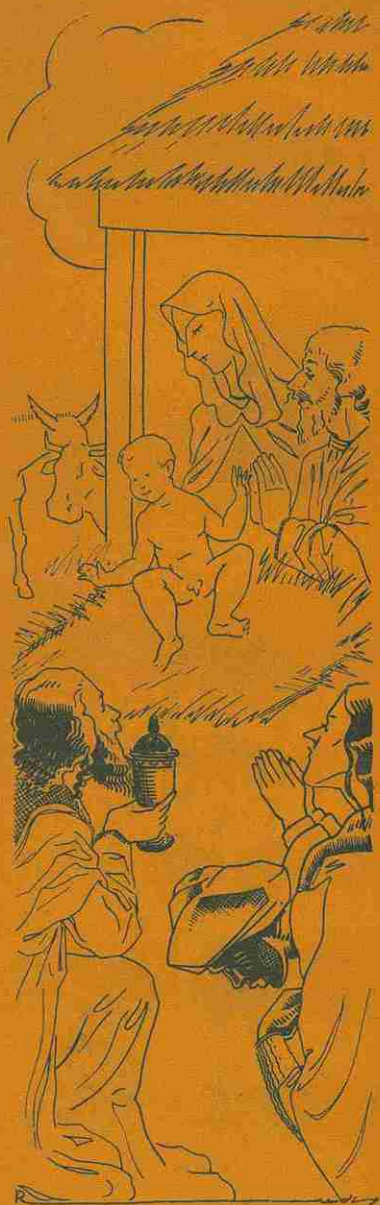
É claro que lá dentro do cortiço
não viu sombra de mel... Na sua ausência
sempre tinha levado tal sumiço
que ficara o país na indigência!

A Abelha-Mestra percebeu e disse,
pondo na voz amargurado entono:
— Eu bem as avisei de que é tolice
deixar uma colmeia ao abandono.

Mas quê? Lá fora havia rosas brancas...
Ai! O perfume dos jardins, das hortas!
E tinham, para mais, aquelas trancas
que poriam, depois, atrás das portas!...

Insensatas! E tinham elas asas!
Inda se fôssem homens... Que vergonha!
Ésses costumam, sim, trancar as casas
depois do furto... Pobre de quem sonha!

As abelhas concordam. Foi engano...
E juram: nunca mais! — Ta-ra-ta-tchim! —
toca a música... E pronto! Cai o pano.

— Não caiam os meninos numa assim.

COM PAPAS E BOLOS SE ENGANAM OS TOLOS

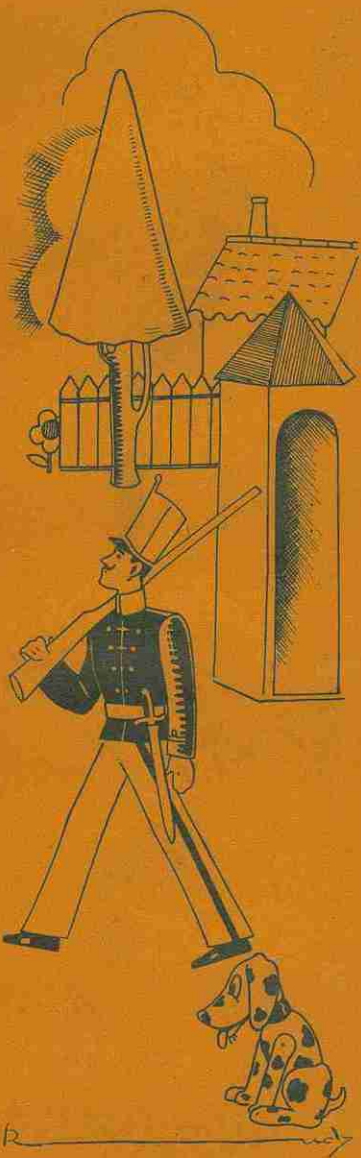
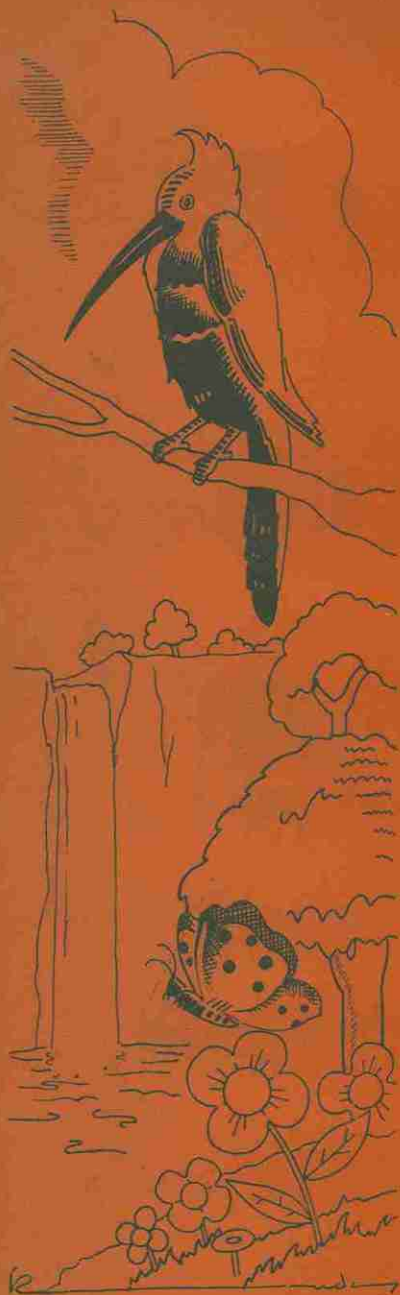
Vai grande reboliço no celeiro.
Foi o caso que Dona Ratazana
descobriu, pela vista ou pelo cheiro
— a ela, é claro que ninguém engana —

riquíssimo acepipe, do melhor,
papas e bolos de óptima aparência.
Debalde, o vélho Rei, o Ratão-mór,
aconselha prudência e mais prudência.

— Vejam lá o que fazem! Eu não quero
ver-me em sarilhos. Mas que triste idea!
Antes sentir a barriguinha a zero
que meter foice na seara alheia. —

Mais isto e mais aquilo, à boa paz,
o vélho Rei prègava a homilia.
Prègava mas não era Frei Tomás,
pois só fazia aquilo que dizia.

Mas ai! — a mocidade é atrevida
e pela-se por doces; de maneira
que um ratinho, sabendo da comida,
propôs que se assaltasse a casa inteira.

Dito e feito. Formou-se o regimento,
ao qual o Ratão-mór passou revista,
e lá partiram, de bandeira ao vento,
levados pelo sonho da conquista.

O que é a gula, meus meninos! Vêde:
pé ante pé, patinha ante patinha,
abriram um buraco na parede
e dentro em pouco entravam na cozinha.

Lá estava a paparoca! Bem dissera
a Dona Ratazana... Que festança!
E a rataria, em ar de Primavera,
pensava apenas em encher a pança.

O vélho Rei, porém, um sabidão,
— os anos são lições e são exames —
mandou-os fazer alto: — Pois então?!
Eram cegos, não viam os arames?

Pararam todos, cheios de pavor,
excepto o rato, pequenino e moço,
que teimava: — Que não, que não, senhor!
— Sei o que faço! Vamos ao almôço.

E lá seguiu, alheio à voz do chefe,
ansioso de cumprir o seu intento.
Às vezes vale mais um bom tabefe
que o melhor argumento...

Já se vê que o almôço foi diferente
do que o rato supunha:
caíu na ratoeira... E, sorridente,
veio o gato maltês, deitou-lhe a unha.

Os outros ratos, todos numa fona,
nem para trás olharam. E o maltês,
assistindo risonho à maratona,
comentava: — Um ratinho? Era uma vez...

Eu sei de muitos como o nosso tolo
cuja esperteza em breve se revela:
basta mostrar-lhes fala mansa ou bôlo
e caem logo, logo, na esparrela.

DEVAGAR SE VAI AO LONGE

A lebre mais o corvo um belo dia
— há sempre «um belo dia» em todo o conto —
resolveram saber qual mais corria
e primeiro chegava a certo ponto.

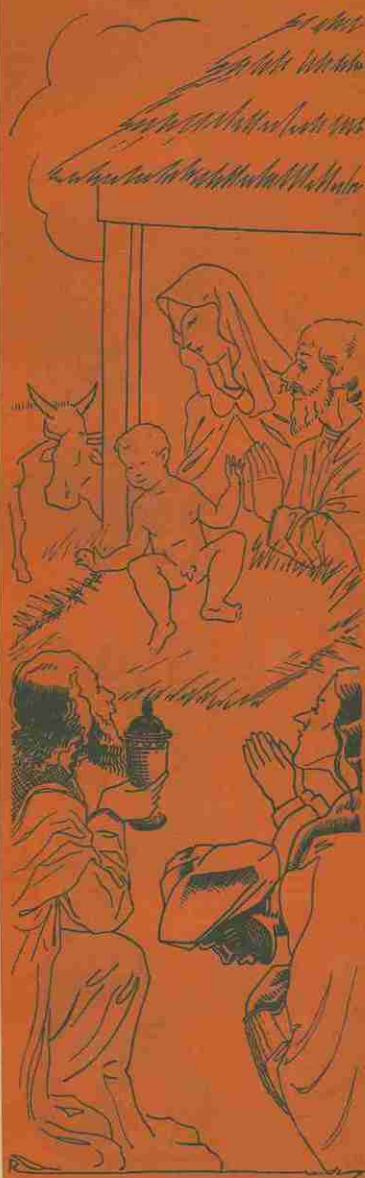
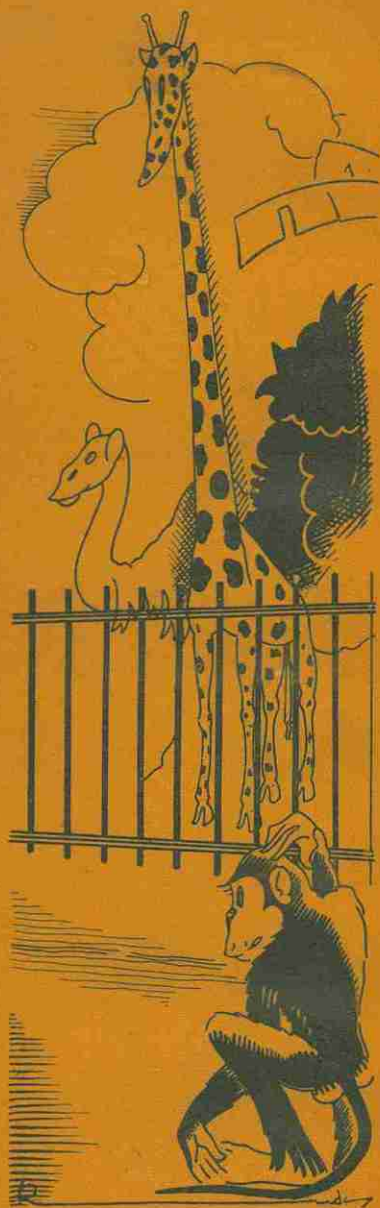
O caso, já se vê e nem se diz,
deu que falar em tôda a vizinhança.
O elefante, amigo da festança,
bateu as palmas: — Faço de juíz!

Veio a girafa, veio o crocodilo,
o leão, a pantera e o burrinho,
e até o papagaio, ouvindo aquilo,
se empoleirou à beira do caminho.

Porque a verdade é uma: não é rica
a vida em festas, para cada qual.
E «lebre-corvo» é quási, quási igual
a desafio «Sporting-Bemfica»...

Prontos os dois rivais, juíz trombudo
assoprou numa cana de bambu;
e — agora grito eu e gritas tu —
tudo gritava, meus meninos, tudo!

Lá vão êles: A lebre, como seta,
corta veloz em direcção ao rio,
onde uma árvore assinala a meta
e põe um termo ao grande desafio.

O corvo, é claro (como os seus irmãos),
parte aos saltinhos, lépido e contente,
mas dando exemplo a muito boa gente
que nunca sabe onde é que põe as mãos...

A lebre não! Ligeira, como gamo,
não anda, voa — aqui e mais além —
sem reparar se o que pisou é ramo
ou passarito que procura a mãi.

E foi êste o epílogo da história,
aínda vinha o corvo a tal distância
que, se partira na primeira infância,
vélho alcançava os loiros da vitória:

a lebre, na loucura da corrida,
— pois não era entre as lebres a primeira? —
perdeu o desafio e quási a vida,
ao ficar presa numa ratoeira.

O corvo, porque vinha devagar,
pôde escapar a tempo da armadilha
e assim vencer a que era maravilha
das lebres mais velozes do lugar.

Houve palmas, foguetes, fungagá,
ceia de arromba, flores bem bonitas,
e houve até dois macacos — vejam lá! —
que levaram o corvo às cavalitas.

A lebre, envergonhada, desde então,
afastou-se dos outros animais.
— Meter-se em correrias?! Nunca mais.
Bem lhe servira aquela de lição!

E que sirva também a todos vós,
aos que julgam na vida que a ventura
pertence ùnicamente ao mais veloz
e não ao que a merece e a procura.

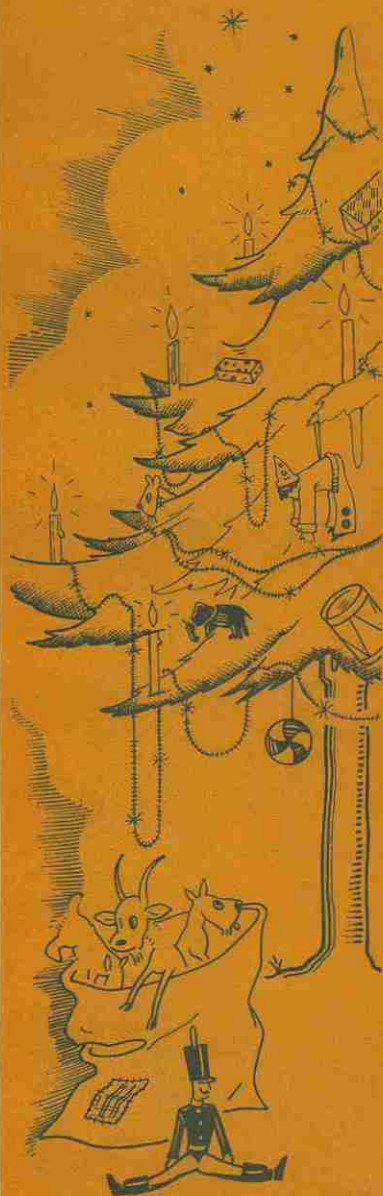
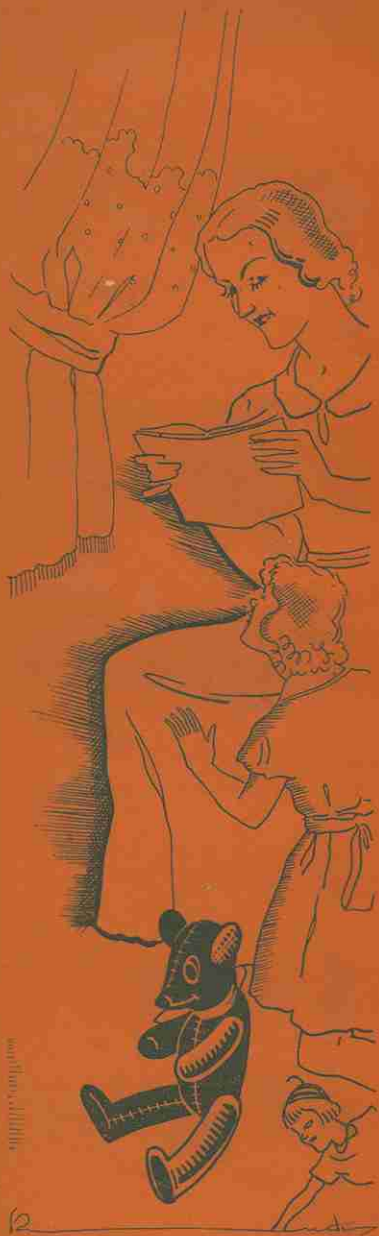
NÃO FAÇAS MAL À CONTA DE QUE TE VENHA BEM

Vai o Pedro a caminho da lição,
de bibe de riscado, aos quadradinhos...
E segreda-lhe a voz da tentação:
— Deixa os livros em paz e vai aos ninhos!

Vem de perto, do mar do arvoredo,
— as ondas quebram pelas alamedas —
pipilar de avezinha que tem mêdo:
— não vá caír... Demais, sem pára-quedas...

Os pais olham a ave com ternura.
Depois olham-se e riem. E depois
as vozes dêles sobem pela altura
— contentes de ser um e serem dois!

Já todos sabem que não é bonita
esta acção de roubar um ninho em flor.
Mas o Pedro é mau filho: não hesita
por isso em pôr um termo àquele amor.

Poisa no chão os livros: — As formigas
que aprendam a dizer o B-A = BÁ...
E, quanto ao resto, nada de cantigas:
assaltemos o ninho! É para já...

O nosso Pedro — bibe de riscado
e caracóis que até parecem de oiro —
corre ao assalto. Assim, mal comparado,
lembra pirata em busca dum tesoiro.

Ao princípio vai bem: devagarinho,
que êle já pesa quási trinta quilos!
Mas os ramos são finos junto ao ninho
e o Pedro tem receio de parti-los.

Nada! Nada! A cautela é sempre pouca:
basta lembrar a história do João
que tinha o «doce» quási ao pé da bôca
mas «amargou» num grande trambulhão...

Por fim não há remédio. Na balança
pesa mais a cobiça que o receio.
E lá segue ao acaso, trepa, avança...
— Haja o que houver, não vai ficar em meio!

O resto sabe-o já qualquer menino:
quebrou-se o ramo, deu-se a cambalhota!
Os maus têm sempre assim um mau destino,
seja na vida ou seja na anecdota.

Para salvar os ninhos dos rapazes
e dar a estes um castigo em regra,
vejam lá do que os ramos são capazes!
O sacrifício é dor que nos alegra...

O bem só para os bons está guardado
e o que mal faz jamais espere o bem,
como o Pedro — de bibe de riscado —
que vai aos ninhos sem pensar na mãi.

MAIS VALE UM PÁSSARO NA MÃO...

A Amélia tinha em casa, na gaiola,
(como quem diz na mão), um passarinho
que era a sua alegria ao vir da escola,
de olhar em fogo e bibe em desalinho.

Era certo e sabido: emquanto a mãi
lhe preparava o pão e a marmelada,
a pequenina — que era endiabrada
mas muito amiga de fazer o bem —

tirava da gaiola a avezita
e, segurando-a junto ao coração,
ia mostrá-la em cima à D. Rita,
ou ao menino Rui, do rés-do-chão.

Ora uma vez desceu para o quintal
e ali, a conversar com o Ruizinho,
descobriu de repente, num beiral,
dois pardalitos a espreitar do ninho.

E sabem os meninos o que fêz?
Calculem lá! Mas não, não há quem diga.
E não julguem que foi por malvadez,
pois a Amelinha é boa rapariga...

— Deixou fugir a ave que trazia
para deitar a mão aos dois pardais.
Estes, porém, temendo a tropelia,
fugiram logo e não voltaram mais.

Quando a Amélia subia pela escada,
o Rui, embora amigo da pequena,
não pôde reprimir a surriada
e disse isto, (oiçam lá, que vale a pena!):

«Mereces uma boa sarabanda!
Foi bem feito! Bem feito! Já to disse.
Pois quem manda a menina, quem a manda
ter olhos e não ver que faz tolice?!»

Há muita gente assim que é infeliz
porque não vê, como diria o Rui,
um palminho adiante do nariz,
— e troca um bem por dois que não possue.

A QUEM DORME, DORME-LHE A FAZENDA

Trabalhara ao princípio que nem moiro,
como quem busca, em rútila quimera,
tirar do solo a flor dalgum tesoiro,
fazer do campo eterna primavera.

Êle cavara dias inteirinhos,
ao sol e à chuva, alheio à invernia,
quando as árvores tombam nos caminhos
e o próprio sol tem laivos de agonia.

Por isso a terra dêle era um jardim.
Não havia naquela redondeza
— ai! não havia, não! — herdade assim,
tão próspera e tão cheia de beleza!

Era espreitá-los a escalar a serra,
qual mais lindo: vergel, vinhedo, seara...
Cada palmo, porém, daquela terra
custava-lhe o suor da sua cara.

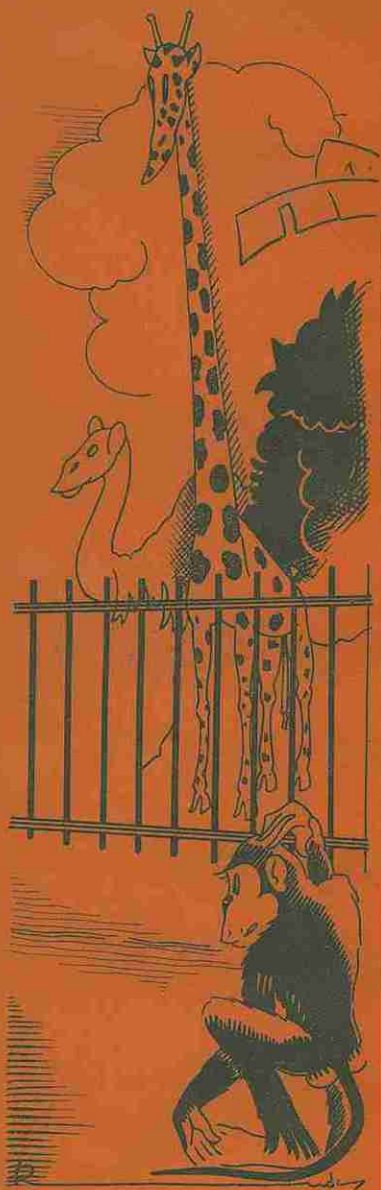
Mas certo dia o nosso fazendeiro
deu ouvidos às línguas invejosas;
tornou-se a pouco e pouco mais ronceiro
— e coube aos cardos o lugar das rosas.

Levantava-se tarde e a más horas,
deixando as terras quási ao abandono,
e até, se ouvia o soluçar das noras,
parava-as logo — porque tinha sono...

Fêz-se de tal maneira dorminhoco
que os vizinhos, sabendo da mania,
vinham roubá-lo às claras: dentro em pouco
nem frutos nem promessas — nada havia!

Por fim o homem reparou no caso:
— a sua herdade estava mais pequena!
E aquêle campo, agora sêco e raso,
fôra um pomar! Até fazia pena

E foi então que um vélho, com piedade,
— não fôsse o mal aínda ser pior —
lhe disse estas palavras de verdade
que todos devem conservar de cór:

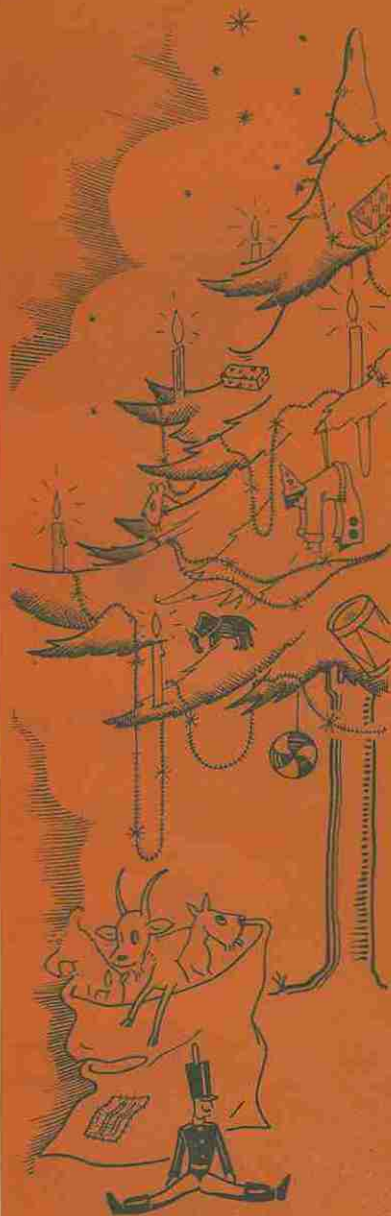
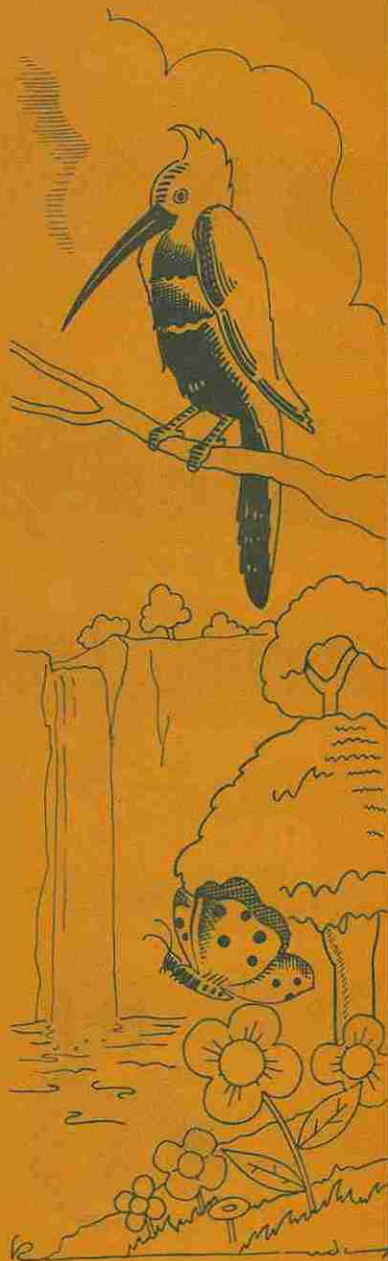
— Só o trabalho é flor e fruto. Aprenda
como a gente a desgraça própria tece.
Se o dono dorme, é claro que a fazenda
não está com cerimónias... — e adormece.

Carnaval da Bicharada

Êste ano, o Carnaval da bicharada,
segundo se anuncia,
deve ser uma pândega pegada,
verdadeira folia.

O Elefante, que é uma criança
a-pesar-do enorme corpanzil,
anda doido de todo! E canta e dança...
Faz barulho por mil.

A cègada promete ser de arromba.
E mascaram-se todos, minha gente...
— O pior é a tromba:
matam-no logo, imediatamente...

Hoje foi o ensaio: o Crocodilo,
que é mau e falso como as coisas falsas,
vai de Arlequim; o Esquilo
faz de Tarzan — enfia um par de calças.

O Rouxinol vestiu-se de Tenor,
de bóina para a testa;
e a Arara, de Cigana, é um amor
— a raínha da festa.

O Urso mascarou-se de Janota,
porque não gosta de fazer figuras:
mas depois, ao vestir a fatiota,
rebentam-lhe as costuras...

De todos o que faz maior furor,
porque está de espavento,
é o Burro — que vai de Professor.
De professor! Calculem: um jumento...

Por fim, o Elefante arranja fato:
vai de Ratinho (ou isso ou de Goraz)
com uma condição — a de que o Gato
o deixe em paz!

E — pronto! — lá vão todos a caminho
de casa da Avestruz,
onde as festas, que metem sempre vinho,
costumam ser de truz.

Todos, todos, parece-me que não.
Falta a Raposa...
Ia há pouco a fugir que nem ladrão:
— Hum! Hum! Aqui há cousa!

E o que êles pulam! A comadre Pata,
que nunca falta a boda,
não admira que faça zaragata:
— leva a família tôda...

A Girafa arranjou um colarinho
mas perdeu o botão...
— Tenor amigo, cante um bocadinho —
ordena, majestoso, el-rei Pavão.

O Cão e o Gato, que andam sempre à bulha
— inda se fôsse às vezes —
cosem os fatos... Mas que boa agulha!
— Vão de Irmãos Siameses.

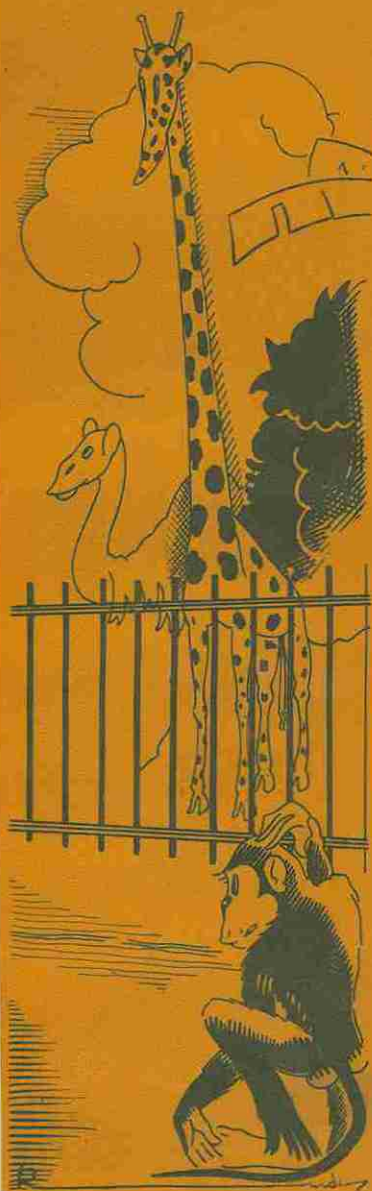
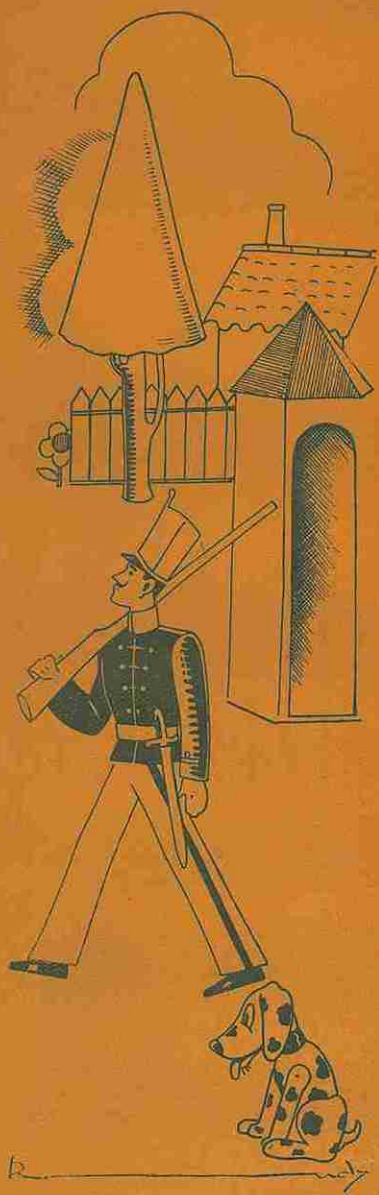
O Mosquito, que vai de Mosqueteiro
como um herói de Dumas,
pica os outros e diz que é o parceiro:
— Agora êle! De chapéu de plumas...

Só um vai como sempre, tal qual é,
vestido de vermelho e verde e oiro:
— Papagaio real, dá cá o pé!
Mas isso dá o «loiro»...

E riem todos! — Mas que festa brava!
comenta a Rã que se vestiu de Pomba.
O Elefante, entretanto, disfarçava
o melhor que podia a sua tromba.

Quando, porém, o riso foi imenso,
a alegria feroz,
foi no momento em que, ao tirar o lenço
das algibeiras, rebentou o cós.

Mas nisto, no melhor da brincadeira
(o Macaco fazia então de Bobo),
apareceu ao longe, na clareira,
o Lôbo — Mestre Lôbo!

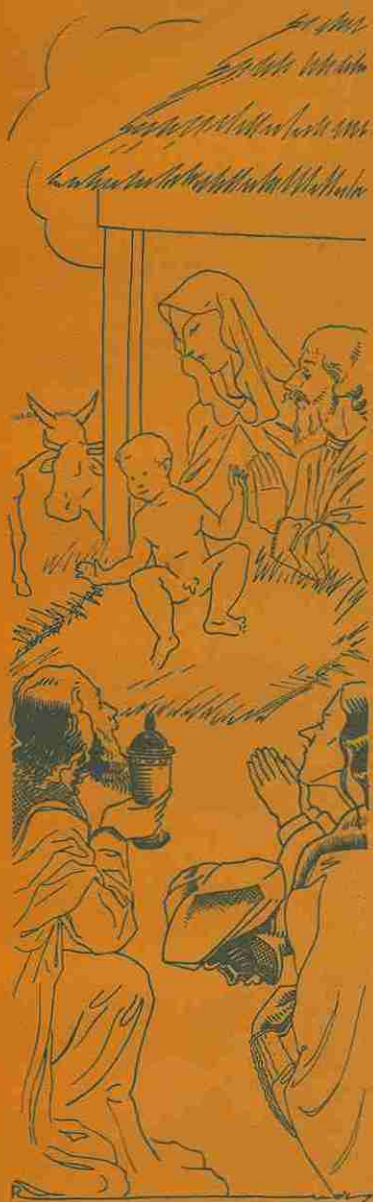
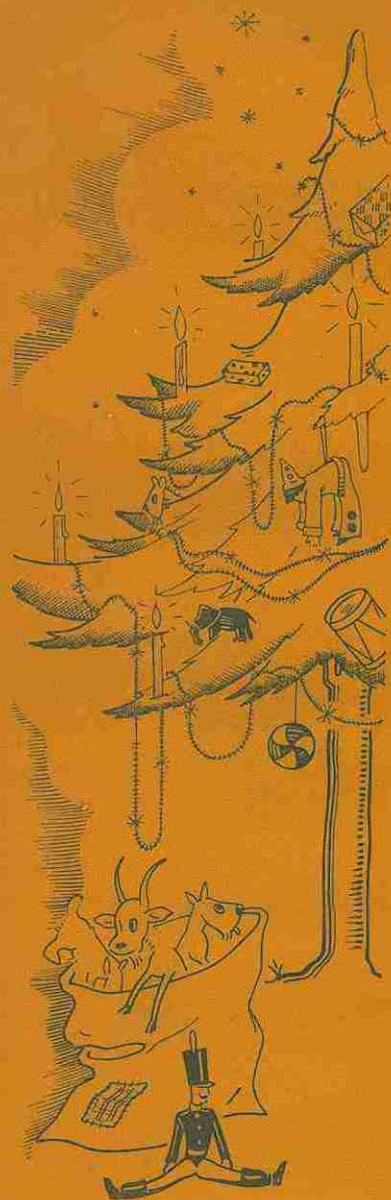
Os meninos calculam lá o susto!
Houve gritos, corridas, um desmaio...
— Calma, colegas, aconselha a custo,
serêno, o Papagaio.

De repente — pum! pum! — uma descarga
mata a fera cruel.
Cai-lhe a matilha em cima e só a larga
ao arrancar-lhe a pele...

E só então, quando o olhar repousa
nos restos do festim,
todos vêem que o Lôbo era Raposa:
— Era a Raposa, sim!

— Eu bem a vira, tôda sorrateira,
safar-se da cègada!
Mas custara-lhe cara a brincadeira
de querer meter um susto à bicharada.

À volta para casa, o Elefante
anda mesmo trombudo,
com mêdo às ratoeiras... E garante:
— Acabou-se o Entrudo!

Aviso ao tolo, ou mau, ou brincalhão,
que veste a pele das falsas aparências:
ninguém queira ser lôbo, porque então —
cale o bico! — é sofrer as conseqüências.

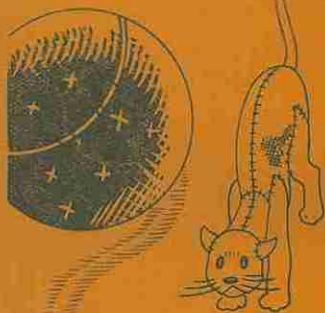
HISTÓRIAS QUE OUVI CONTAR

Era uma vez...

Quando eu era pequenino,
gostava de ouvir contar
histórias de princesinhas
encantadas ao luar.

Havia então lá em casa
uma criada vèlhinha:
contava histórias e histórias
— e que graça que ela tinha!

Lendas de reis e de fadas,
inda me encheis a lembrança!
Que saüdades de vós tenho,
ó meus contos de criança!

«Era uma vez...». As histórias
começavam sempre assim;
e eu, então, sem me mexer,
ouvia-as até ao fim.

Lembro-me aínda tão bem!
Era juntinho à lareira...
Eu sentava-me e a vèlhinha
contava desta maneira:

«Era uma vez...». E, depois,
olhos fitos nos seus lábios,
ouvia contos sem conta
de gigantes e de sábios...

... ...

Era uma vez — lá num reino
da Moirama — uma princesa,
mais branca do que o luar
e de infinita beleza.

Mas, por grande sortilégio,
a princesa da balada,
sendo tão branca e tão linda,
tinha ficado encantada.

Vieram de todo o reino
os parentes e adivinhos,
com a luz dos seus remédios
e a graça dos seus carinhos.

E, porém, nem uns nem outros
puderam desencantá-la:
a princesa — coitadinha! —
permanecia sem fala.

Então o pai da princesa,
com as lágrimas na face,
prometeu dá-la por noiva
a quem a desencantasse.

Vieram reis e mendigos
mostrar a sua esperteza,
mas sem nenhum conseguir
desencantar a princesa.

Passou-se tempo. E o pai,
cheio de mágoa, a penar,
faleceu, deixando o reino
sem rei para o governar.

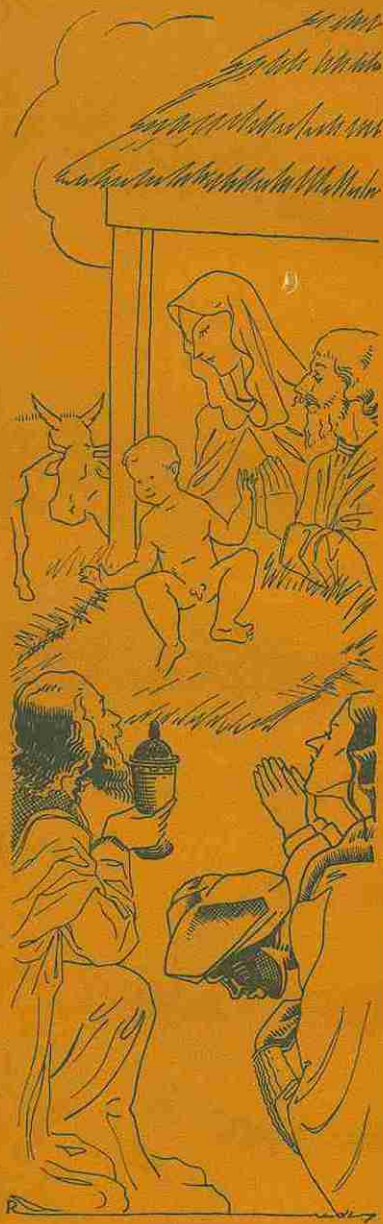
Moveram-se então intrigas,
acendeu-se dura guerra.
— Allah tinha amaldiçoado
com certeza aquela terra!

Um dia, chegou à côrte
um peregrino cristão:
muito pobre, muito lindo
— e mais lindo o coração.

Quis ver também a princesa
— quem sabe se a salvaria?
E os moiros, ouvindo tal,
sorriram, com zombaria.

E, para se divertirem,
resolveram conduzir
o pobre ao pé da princesa,
chamando-lhe o «grão-vizir»...

Mas a princesinha, ao vê-lo,
sentiu em si tal paixão
que ficou logo curada
e sorriu para o cristão.

E, se os filtros e as carícias
a não livraram do mal,
bastou a luz dêsse amor
para a curar afinal.

Tendo a princesa por noivo
quem lhe dera a lîberdade,
o reino passou a ser
pertença da cristandade.

... ...

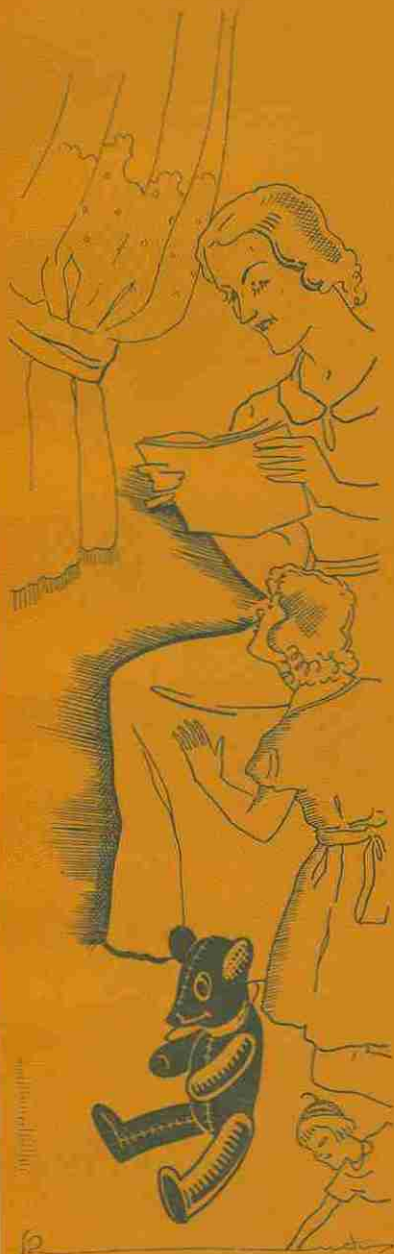
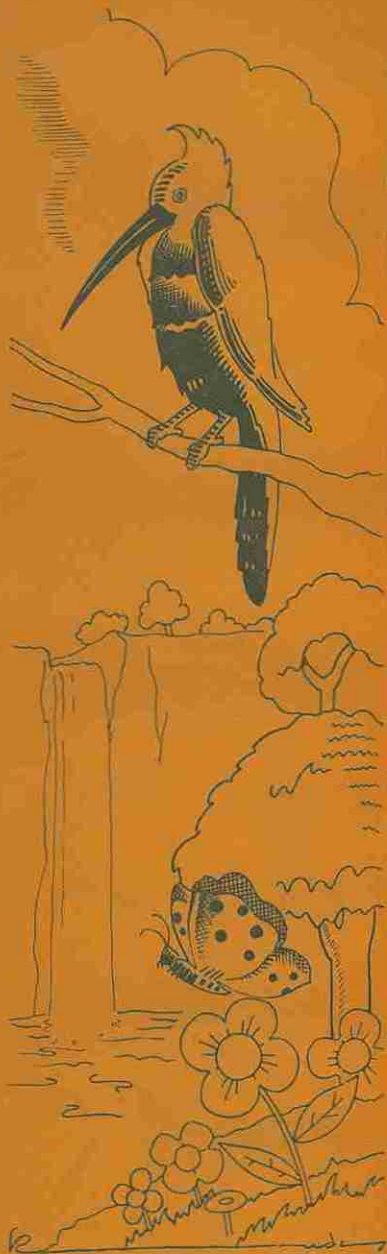
«Era uma vez...». E, por fim,
a voz da vélha parava...
E assim como eu te contei
era como ela contava.

Ai! que saüdade, que pena,
que nos meus olhos tu vês!
Eu sentava-me e a vèlhinha
começava: — «Era uma vez...»

O PINHEIRINHO ENCANTADO

Os meninos conhecem pela certa,
pois vem nos livros de instrução primária,
a história
dum tal pinheiro — sentinela àlerta
e sempre solitária —
a quem tentava um sonho de alta glória.

Como também a tenho na memória,
vou recordar a lenda,
o conto
— renda
em que a vida desenha, ponto a ponto,
bem profunda lição.

Tinha pois o pinheiro uma ambição
na vida:
ter fôlhas de oiro.
E, sempre que a ambição fôr assim desmedida,
é besoiro
a cantar, a roer no coração.

O pobre do pinheiro nem comia
— e é que as árvores comem
como um homem...
Até que um dia
o Génio da montanha,
onde a tal árvore vivia
em pranto,
cheio de pena pela dor tamanha,
resolveu atendê-la:
e já o bom pinheiro tem um manto
que nem bordado a oiro. Cada fôlha
é um raio de sol
e parece uma estrêla!

E, remirando-se, o pinheiro diz
em voz de rouxinol:
— Sim, senhor! Sim, senhor! a minha escolha
foi bem feliz.

Pois não foi tal.
Daí por um momento
passou nesse local
um avarento
que, ao ver as fôlhas de oiro do pinheiro
— Eia! Tanto dinheiro! —
as arrancou sem dó
nem piedade.

E lá foi a cantar para a cidade.

A árvore ficou mais triste e só.
E lamentou-se,
erguida para o céu como um cipreste:
— Que triste a minha sina!
Inda se fôsse
de vidro, de cristal, a minha veste
de menina!

Fêz-lhe a vontade o Génio da montanha.
E as folhinhas da árvore ambiciosa
agora, sob a luz do sol que as banha,
são gotas de cristal azul e rosa.

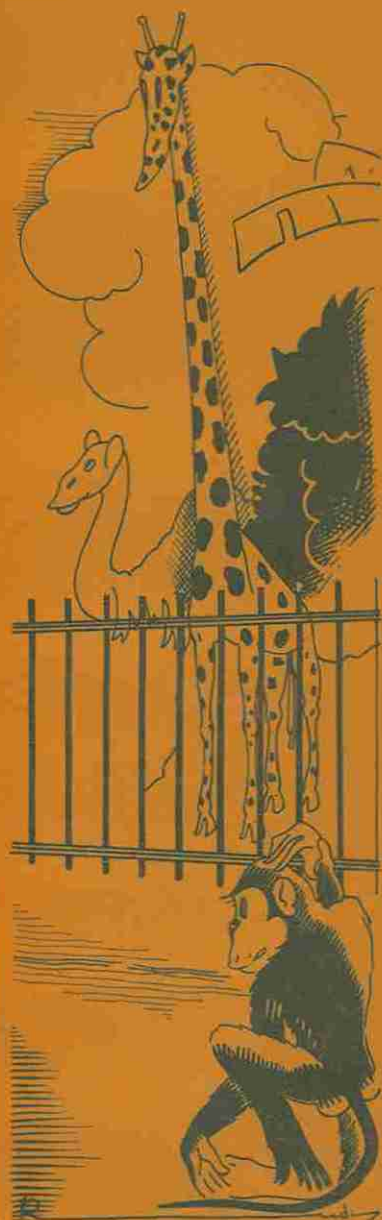
— Que lindo! Que bonito!
Que elegância!
E o grito
do pinheiro enche a distância
e vai pelo ar fora
e desafia
o mundo...

Mas nisto levantou-se ventania
e em menos duma hora
— o quê? em pouco mais do que um segundo —
o vento, o senhor vento,
que era mesmo da gente lhe tirar
logo o chapéu,
levou-lhe as fôlhas tôdas pelo ar.
E num lamento,
lento, muito lento,
lá ficou o pinheiro a tiritar
com o corpinho ao léu.

Dentro em pouco, porém, ouviu-se nova prece:
— Senhor! Tem dó de mim.
Aínda se eu tivesse
as folhinhas macias qual veludo
ou pano de setim!
Mas assim...

O bom do Génio, que a-pesar-de tudo
tinha pena do pobre,
fêz-lhe aínda a vontade.
E é vê-lo agora, altivo como nobre
e cheio de vaidade,
envolto no veludo da folhagem.

— Desta vez, sim! Viessem os judeus
ou a mais forte aragem!
Nem Deus
era capaz de lhe arrancar as fôlhas!

Mas vinha
pela estrada uma cabrinha.
viu as fôlhas da árvore e papou-lhas...

E a voz do Génio, desta vez em ira,
reboou num instante pelo vale:
— Vês afinal
quanto ganhaste ao pôr a tua mira
tão alto e tão distante?
Bem mais valia
a tua veste humilde — que era tua —
do que andar,
noite e dia,
em vão sonhar
— a querer a lua...

Quando a ambição não seja desmedida,
é justa, porque a vida
é sonho, aspiração...
Todo o rio caminha para o mar.

Mas nada de tentar
o impossível:
correr atrás da luz,
da ilusão.

Quando as águas excedem o seu nível,
vão fora — catrapuz!

Os meninos percebem a lição
que se tira da história do pinheiro.
Equivale a dizer: o sapateiro
faz sapatos, não toca rabecão.

Mas há ainda um outro ensinamento
que deve ser lembrado:
é que a ventura está ao nosso lado
e nós buscamo-la ao sabor do vento.

Nunca o pinheiro andara tão feliz
e tão alheio a bulhas
como ao ver-se depois tal e qual era,
senhor do seu nariz:
folhinhas verdes como a primavera
e finas como agulhas.

Até aqui a história
dêsse pinheiro — sentinela àlerta
e sempre solitária —
como a aprendi e tenho na memória
e que vocês conhecem pela certa
pois vem nos livros de instrução primária.

Mas a verdade, a verdadinha inteira
sem rebuço ou disfarce,
é que a história acabou doutra maneira
que merece contar-se.

A pobre árvore, no fim de contas,
tinha bom coração.
(Isto acontece a mil cabeças tontas
pela ambição).

Arrependeu-se. E o Génio da montanha,
vendo o pinheiro, cheio de humildade,
a dar sombra e perfume,
a dar a lenha
que é a trave da casa,
a nau, a claridade
— a alegria do lume,
o suplício da brasa —

teve pena — e que pena! Imensa e doce,
um pesar verdadeiro —
e então lembrou-se
de dar folhinhas novas ao pinheiro.

Não a folhagem de oiro, de cristal,
ou de veludo,
porque afinal
tudo lhe dera e tudo
se finara,
mas uma veste rara
e linda,
como ninguém, ninguém!, tivera aínda.

Encheu-a de estrelinhas,
polvilhou-a de nuvens de algodão

e fêz das pinhas
berços de ilusão.

Agora cada pinha é um brinquedo,
cada fruto um bonito:
um cavalo de pau que mete mêdo,
um tambor, um apito,
uma boneca de olhos côr do mar
e bôca de romã
e que sabe dizer: «Papá!
Mamã!»...
Eu sei lá! Eu sei lá
que mais brinquedos para lhes contar!

O Génio da montanha — poderoso
como um senhor feudal —
transformara o pinheiro ambicioso
em Árvore bemdita do Natal.

E assim acaba a história e bem melhor
do que nos livros, pois não é verdade?

Seja aprendida esta lição de cór,
em louvor da ternura e da bondade!

OLHOS DE MÃI

Certa vez a D. Coruja,
muito feia, muita suja,
muito suja e muito feia,
resolveu saír de dia,
contra o que sabe quem leia
o que vem na Zoologia.

Quando ia longe do ninho,
encontrou no seu caminho
o temível, o terrível Gavião.
A Coruja, cheia de mêdo,
saüdou-o logo num ai,
quási em segrêdo,
num pio,
curvando-se até ao chão:

— Senhor Príncipe! Onde vai?

O Gavião, muito frio,
respondeu com altivez:

— Aqui onde tu me vês
ando a tratar da vidinha...
Nos ninhos da vizinhança
deve haver boa comida
para encher a minha pança.
Adeus, vizinha!
É a vida...

A Coruja, a êste falar,
porque é mãi e sabe amar,
sentiu um baque no peito
e, numa grande aflição,
pediu então
dêste jeito:

— Ai, Jesus! Senhor, não faça,
não faça a minha desgraça!
Deixe os meus filhos em paz...

Comovido, o Gavião,
que no fundo é bom rapaz
e também tem coração,
embora o mundo o ignore,
volve atrás
e condescende em voz branda:

— Pois seja assim... O pior
é que os não conheço bem...
Mas corre a casa... Vai! Anda!
E traz-me, se é que êles têm,
seus cartões de identidade...

— Não, senhor Rei. Na verdade,
diz a Coruja
em fino trato,
muito feia, muito suja,
muito suja e muito feia,
não lhes tirei o retrato...
Tem-me passado de idea.
Mas também não há que errar...

E logo, baixando a voz:

— Meus filhos, aqui p'ra nós,
são uns amores de petizes:
os mais belos do lugar!
Como vê, não custa nada...

— Se é assim como tu dizes,
podes ficar descansada.

Jura feita, o Gavião,
nem que só fôsse «avião»,
lá partiu pelo ar fora...

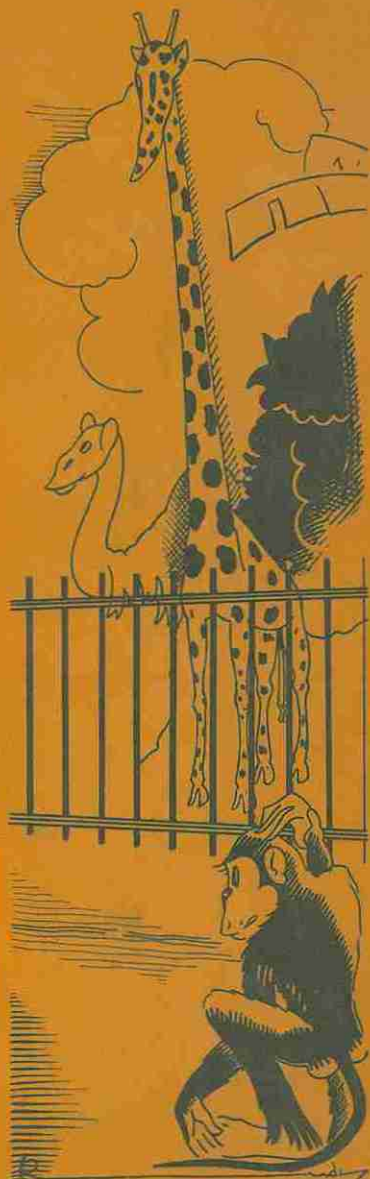
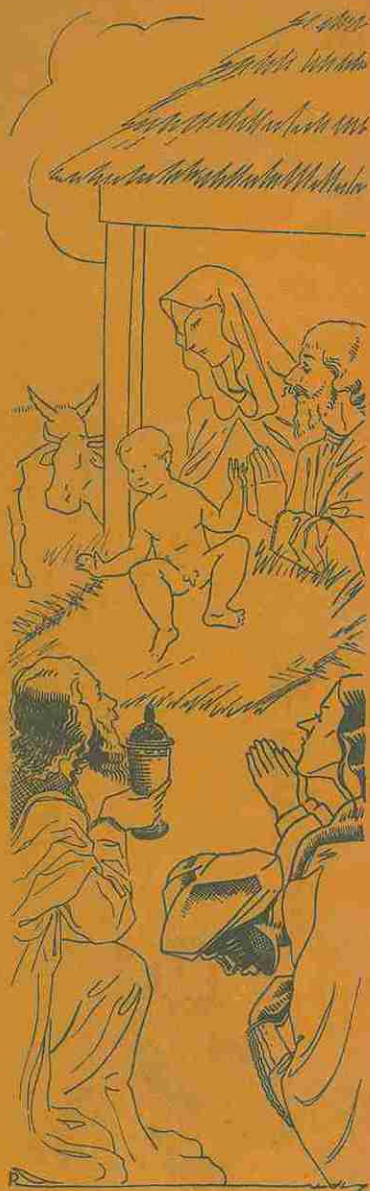
Quanto à Coruja, sem receio,
prosseguiu no seu passeio
em busca da paparoca,
até à casa onde mora
a comadre D. Pata
Patarata
Pata-Choca...

Só já tarde — quando a Terra
fica às escuras, à míngua
de sol, e a lua de prata
seu véu de noiva descerra —
pararam de dar à língua.

É na volta para casa
que ela sente,
novamente,
a asa
do Gavião
e o baque no coração:

— Já de regresso? E que tal
a refeição?

— Menos mal...
Para não haver engano,
não fôsse causar-te dano
e comer os teus filhinhos,
sabes que fiz afinal?
Busquei apenas nos ninhos
os mais feios
e papei-os.

Desfez-se a Coruja em mesuras
— Deus lhe pague e dê venturas! —
e lá seguiu: era noite
e tinha que trabalhar.

Finalmente chega ao lar.
Logo a dor, em frio
açoite,
lhe trespassa o coração:
tinha o seu ninho vazio!
Fôra lá o Gavião!

Dirão agora os meninos,
que não sabiam a história
e a vão guardar na memória:

— Êle então
faltou à palavra dada,
pois comeu os pequeninos
da D. Coruja, coitada!

— Nada disso. Apenas houve
o que há sempre quando a mãi
fala dos filhos que tem:
não há graça que não veja,
nem maldade que não louve
ou bem que não exagere...
Um olhar de mãi,quer seja
duma coruja ou de mulher,
é a lente de aumentar
que do feio faz bonito...

A história só vem provar
o que está dito e redito:
todo o exagêro afinal
— mas todo, seja de amor,
seja qual fôr
e de quem —
pode ser prejudicial.

Às vezes até por bem
chegamos a fazer mal.

O PRÍNCIPE DAS MÃOS VAZIAS

No Castelo de todos os contos infantis. Personagens: o Rei, à maneira dos reis das cartas de jogar, e que se encontra moribundo; os três Príncipes, de entre os quais há-de saír o novo soberano; e a pessoa que tudo vê e sabe — e a quem se poderia chamar Fada, se não houvesse já a Electricidade, a T. S. F. e o Avião.

O REI

Ide, meus filhos, caminhai à-toa!
Correi terras e mares, à aventura...
E à volta a um de vós darei a coroa
nestas trémulas mãos já mal segura.

OS TRÊS PRÍNCIPES

A qual de nós, meu Pai, Senhor e Rei?
Qual há-de ser o vosso sucessor?

O REI

A qual de vós? Tendes razão. Nem sei...
— Se a todos três eu tenho igual amor!

Sois todos fortes, generosos, belos,
todos dignos de erguer, por sua mão,
na tôrre de menagem dos castelos
a bandeira da Pátria...

OS TRÊS PRÍNCIPES

Mas então
à volta a quem dareis o trono e o manto?

O REI

A quem?!... Meu Deus, a quem?... Pois seja assim. .
Tomai trinta moedas... Outro tanto
para vós também... E para vós enfim...
Parti agora em paz. O meu herdeiro,
o senhor de nós todos, há-de ser
o que souber gastar o seu dinheiro
na prenda que me dê maior prazer.

Adeus, meus filhos. Ide e regressai,
que esta vida do termo se avizinha...

OS TRÊS PRÍNCIPES

Adeus, Senhor! A vossa bênção, Pai...
E ficai certo: a coroa será minha!

E em seus corséis de batalha os três príncipes partem em busca da melhor prenda. Ouve-se o galopar dos cavalos, agora perto e logo na distância e outra vez mais forte. Emquanto vão e voltam no diminuindo e crescendo do "pumba-catapumba", ouve-se uma voz, como eco da galopada, e que é

A VOZ DE QUEM TUDO SABE

Trup! Trup! Os cavalinhos
já lá vão a galopar,
na poeira dos caminhos,
na poeira do luar.

Trup! Trup! Os três infantes
não pararam um segundo:
viram países distantes,
deram quási a volta ao mundo.

Trup! Trup! Já os vejo...
Lá vêm êles! Que trarão?
Trazem no rosto o desejo
que lhes vai no coração.

Trup! Trup! Os três infantes
partiram, segundo a Lei,
mas não voltam como dantes:
— voltam dois, porque um é Rei!

Trup... Trup... Os cavalinhos
pararam de galopar...
— Fiquem todos caladinhos,
que os príncipes vão falar.

OS TRÊS PRÍNCIPES

Senhor, a vossa bênção!

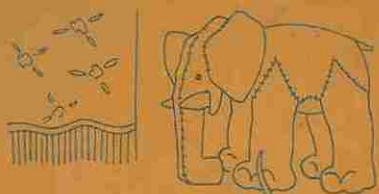
O REI

Filhos meus!
Inda bem que voltastes! Esta vida
é chama que se apaga... Mas quis Deus
que eu vos visse na hora da Partida.
Aguardei ansioso a vossa vinda!
A todos abençôo... Mas dizei:
que prendas me trouxestes? A mais linda
há-de valer o título de Rei...

O FILHO MAIS VÉLHO

Seja o mais vélho o primeiro...
Hei-de ser eu o monarca,
pois gastei o meu dinheiro
no recheio desta arca!

Vêde, Senhor: diamantes,
jóias de raro fulgor,
e tão belas, tão brilhantes,
que até o Sol é sol-pôr...

Ai que chuvinha de estrêlas!
Ponde a Lua à sua beira...

— Se a gente demora a vê-las,
corre o perigo da cegueira...

O REI

Fizestes bem, meu filho. A vossa prenda
enche o meu peito de orgulhoso enleio.
Melhor do que isto — só em sonho ou lenda...
Mas eu quero ouvir todos. — O do meio!

O SEGUNDO FILHO

A grande nação vizinha,
que tanto mal nos fazia,
comprei-a, Senhor: é minha,
— é vossa, desde êste dia...

Nunca mais haverá guerra!
Lírios e pombas sòmente...
Aumentei a nossa Terra:
— eis, Senhor, o meu presente.

O REI

Filho, vencestes: mais que todo o oiro
vale um palmo de terra que se oferta
à nossa Terra... E desde já agoiro:
— a coroa será tua pela certa!

Mas falta aínda a prenda do mais novo...
Justiça até ao fim. Que avance e fale!
Quero mostrar a vós e ao nosso povo
que amo e atendo todos por igual.

Porque se cala então? Será possível
que nada me trouxesse?! Olhai, «amigo»:
se a minha cólera transpõe o nível,
heis-de sentir o pêso do castigo...

O PRINCIPE MAIS NOVO

Eu nada vos trago, é certo,
nada vos trago, Senhor!
Cavalguei por longe e perto...
Só vos trago o meu amor.

O REI

O amor dum filho ingrato...
Mas a vossa ingratidão
— êsse negro desacato —
pagá-lo-eis na prisão,
em Tôrre tão alta e esguia
que o mundo não veja enfim
que inda pulsa, à luz do dia,
um coração tão ruím!

Antes, porém, dizei tudo:
— Que fizestes do dinheiro,
manchando assim vosso escudo,
vergonha dum povo inteiro?

O PRINCIPE MAIS NOVO

Senhor! Meu Pai... Perdoai,
mas permiti que me cale.

O REI

Eu, vosso Rei — que não Pai! —
ordeno: dizei-me qual
o fim, que já se suspeita,
do dinheiro que vos dei.

O PRINCIPE MAIS NOVO

Pois bem, Senhor! Seja feita
vossa vontade de Rei.

Quando saí da cidade,
levando as trinta moedas,
e a pensar no que em verdade
vos traria — jóias, sedas,
coisa bela, com certeza,
digna dum rei como vós —
vi tanta fome e pobreza
e tanta miséria atroz,
que dei quanto possuía...
Mais pobre do que ninguém,
fiquei rico de alegria
— que a alegria é grande bem.
Mas perdoai-me...

O REI

Meu filho!
É tua afinal a coroa
— a ganhar beleza e brilho
ante uma alma tão boa...
Bem mais do que os teus irmãos,
tu a mereces! Trazias
vazias as tuas mãos,
mas não as vejo vazias...
Pelo contrário, se as fito,
à luz que delas se evola,
vejo-as no gesto bemdito
de quem afaga e dá esmola.

E agora cumpra-se a Lei...
Quanta alegria me dás!
Senhor meu filho e meu Rei,
— já posso morrer em paz.

O ANÃO E O GIGANTE

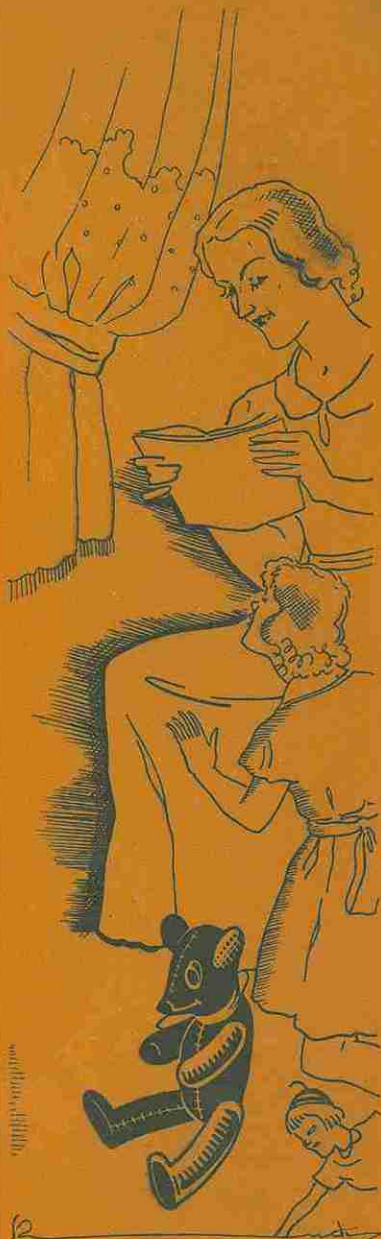
Isto passa-se em qualquer lado, menos — segundo espero e desejo — em casa dos meninos. O avô, que desta vez, para variar, não tem barbas brancas, é surpreendido pela entrada do neto alvoroçado pela passagem no exame.

O NETO

Avô! Fiquei aprovado:
tive 15 em Português!
Vê esta cópia, o ditado
— tudo cheiínho de B. B...
Agora sou mais que os pais!
A respeito de leitura,
conhecem só as vogais...
— Porque o resto é noite escura,
noite escura como breu!

Mas o avô chora?! que tens?
Que maldade te fiz eu?
Nem me dás os parabens?

O AVÔ

Ouve, meu neto: A alegria
que me deste foi bem pouca.
Como se a noite e o dia
saíssem da tua bôca,
à nova da aprovação,
e que tanto me alegrou,
juntaste uma feia acção.

O NETO

Feia acção? Eu, meu avô?!

O AVÔ

Sim, rapaz, porque troçaste
dos que te fazem feliz.
Se a rosa brilha na haste,
deve-o à dor da raíz...
Tu fazes, acaso, idea
de quanto sofreu teu pai
para ouvir-te, à bôca cheia,
soletrar: a-i lê-se ai?

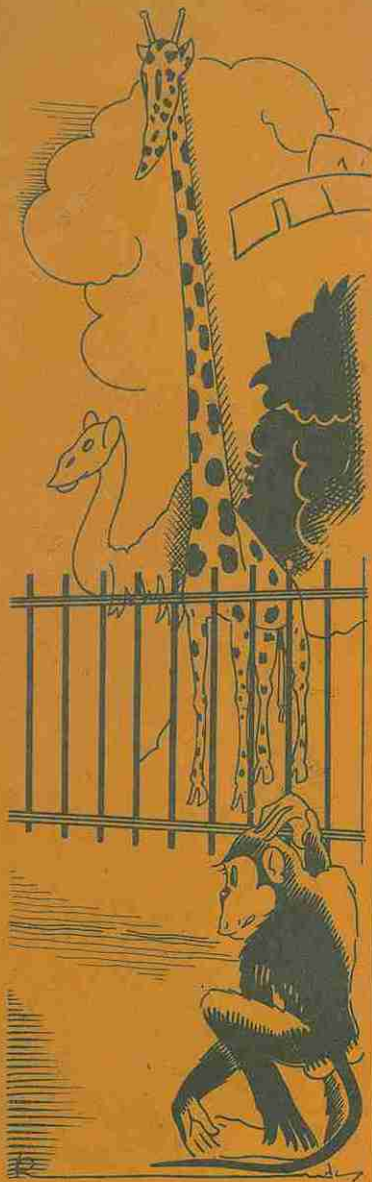
O NETO

Mas, meu avô...

O AVÔ

Falas tontas,
de má cabeça elas vêm...
Sabes contas, e não contas
as mágoas da tua mãi?
Se não fôra o sacrifício
dos que te deram o ser,
talvez tivesses ofício
— mas a respeito de ler...

O NETO

Estava como êles...

O AVÔ

De-certo:
mais infelizes que tu,
não passam em livro aberto
do tal a-e-i-o-u...
De um e de outro pais e mãis
— e eu entre êles, não te iludo! —
tinham supremos desdens
por quanto cheirava a estudo...
Dou a mão à palmatória...
Mas, pronto, finde o sermão!
Lês bem? Pois lê-me essa história
do Gigante e do Anão...

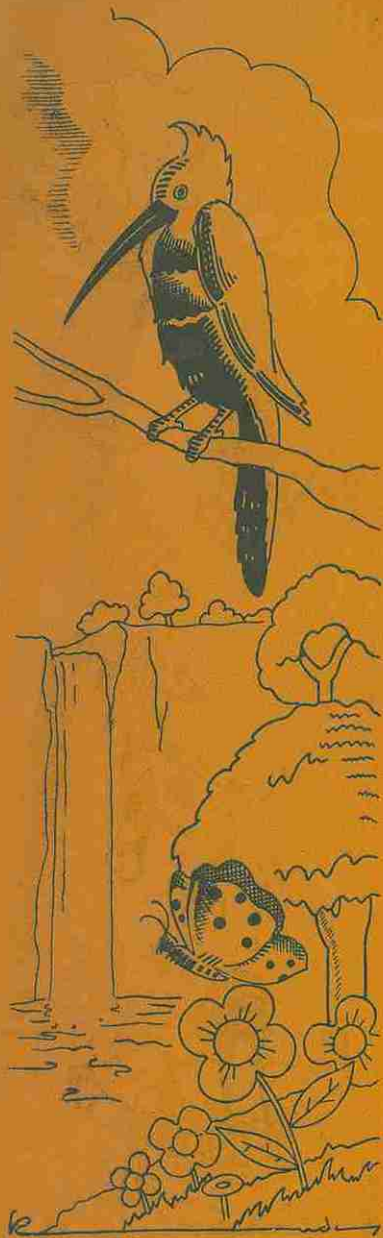
O NETO

Esta aqui ou mais adiante?

O AVÔ

Essa mesmo. Principia.

O NETO

«Era uma vez um Gigante.
No reino em que êle vivia,
também vivia um Anão,
pequenino mas cheiínho
da mais perigosa ambição.
Um dia no seu caminho
viu o Gigante... E lembrou-se
duma idea genial!
Fêz a vozinha mais doce
e disse assim, tal e qual:

— Põe-me aos teus ombros e deixa
que eu admire todo o mundo!
Não terás razão de queixa,
é só questão dum segundo...

O Gigante achou-lhe graça
e satisfez-lhe o desejo.
Mas ouviu esta negaça:

— Ó compadre, agora vejo
muito mais do que o amigo:
vejo o rio, vejo a onda
e, repare no que digo,
vejo que a Terra é redonda!
Valho mais do que você:
— vejo quási a Terra inteira!

O Gigante, já se vê,
não gostou da brincadeira
e, sem mais tir-te nem guar-te,
foi-se ao outro... E fêz-se noite:
pespegou-lhe, em certa parte,
tão valentíssimo açoite
que o Anão, após a sova,
ao cabo de alguns instantes,
ficou de pés para a cova
e mais anão do que antes...»

E pronto, Avôzinho, pronto!
Vitória! Acabou-se a história!

O AVÔ

Gostaste muito do conto?
Pois guarda-o bem na memória.
E dize: qual a moral
que dêle se tira?

O NETO

O conceito?
— O Anão pagou com o mal
o bem que lhe haviam feito.
Se via mais, era só
porque o Gigante bondoso
o levantara do pó
e lhe dera um alto pouso
sôbre os seus ombros... E, em vez
de agradecer o favor,
cometeu a estupidez
de alardear mais valor!

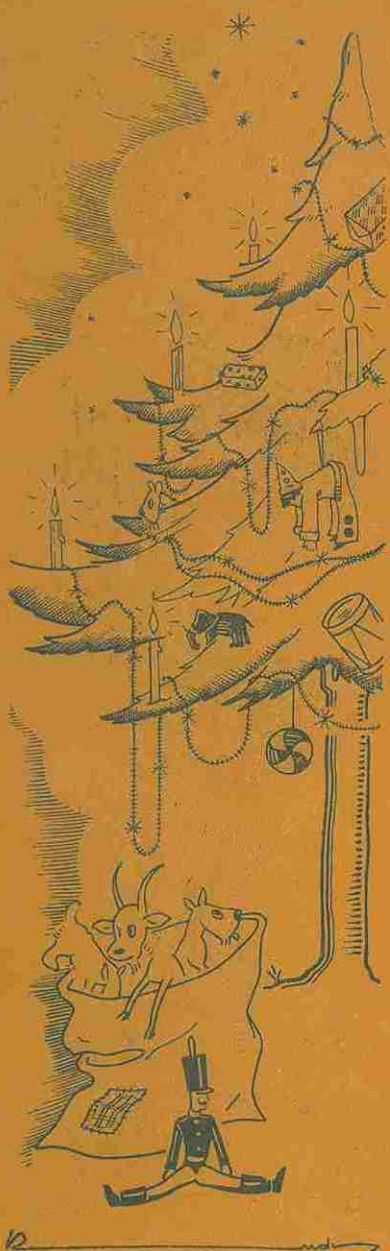
O AVÔ

Tal como tu, meu rapaz,
que há pouco, tão petulante,
foste, como êle, capaz
de troçar dum bom gigante.

O NETO

Dum gigante?!

O AVÔ

Pois então?
Que é teu pai e tua mãi?
Sem êles, eras o anão
que nada vê para além
dum palminho do nariz.
Mas graças ao seu carinho
vês tudo em roda: és feliz!

O NETO

Tens razão, meu Avôzinho.
Percebo agora o retrato...
Como o Anão, fui também
um vaidoso e um ingrato...
Dei mal em troca do bem.
Perdão, Avô...

O AVÔ

Sim, perdão,
por essa tua arrogância,
pela feia ingratidão,
por troçares da ignorância!

O NETO

Perdão...

O AVÔ

Perdôo-te, sim.
E agora... Mas onde vais?

O NETO

Dar à história novo fim:
— beijar as mãos dos meus pais.

O pano, se o há, escusa de caír. Já que o neto caíu em si e reconheceu o seu êrro, basta que êle e o avô caiam nos braços um do outro. E a casa então pode ir abaixo com aplausos.

CAIXINHA DE BRINQUEDOS

Histórias da nossa História:

Voz do Povo:

Histórias que ouvi contar:

ÊSTE LIVRO, DE QUE SE FÊZ UMA TIRAGEM ESPECIAL DE 20 EXEMPLARES EM PAPEL «VERGÉ», NUMERADOS E RUBRICADOS PELO AUTOR, ACABOU DE SE IMPRIMIR AOS 8 DIAS DO MÊS DE NOVEMBRO DE 1937 NA EDITORIAL IMPÉRIO, L.DA, RUA DO SALITRE, 151/155, LISBOA

12